



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

CAIO CESAR DE OLIVEIRA BELTRÃO

**O QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos: UM DIÁLOGO ENTRE TEMPO E
TRAJETÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA EM ALAGOA GRANDE - PB**

Campina Grande

2016

CAIO CESAR DE OLIVEIRA BELTRÃO

**O QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos: UM DIÁLOGO ENTRE TEMPO E
TRAJETÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA EM ALAGOA GRANDE - PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de graduação em Comunicação Social com habilitação em jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais para a obtenção do título de bacharel em comunicação social.

Orientadora: Profa. Ms. Cristianne Patrícia Melo Amorim

Campina Grande

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B453q Beltrão, Caio César de Oliveira
O Quilombo de Caiana dos Crioulos [manuscrito] : um diálogo entre tempo e trajetória da população negra em Alagoa Grande - PB / Caio César de Oliveira Beltrão. - 2016.
62 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Cristianne Patrícia Melo Amorim, Departamento de Comunicação Social".

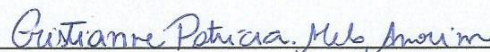
1. Quilombo. 2. Comunidade quilombola. 3. Caiana dos crioulos. 4. Reportagem especial. 5. Alagoa Grande - PB. 6. Negro. I. Título. 21. ed. CDD 070.42

CAIO CESAR DE OLIVEIRA BELTRÃO

**O QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos: UM DIÁLOGO ENTRE TEMPO E
TRAJETÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA EM ALAGOA GRANDE - PB**

Aprovado em 20 de outubro de 2016.

Banca Examinadora



Profa. Ms. Cristianne Patrícia Melo Amorim

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Orientadora



Prof. Dr. Rostand de Albuquerque Melo

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
1º Examinador



Prof. Ms. Lucielen Souza Lima

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
2º Examinador

Dedico esse trabalho para “*voinha*”, Vera Lúcia Nogueira Beltrão (*in memoriam*), que me apresentou o mundo com poesia, recortes de crônicas, fotos, músicas e sua pequena bailarina, que dançava, como quem traz alegria para uma música triste... música essa, que agora compreendo como saudade.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe Graciete de Oliveira Beltrão, a mulher valente que nunca se abateu diante de qualquer dificuldade que fosse e traz na sua alegria a melhor forma para conduzir a vida. É minha eterna inspiração para amar.

A meu pai, Alexandre Nogueira Beltrão, que sempre acreditou em mim não importando o quanto parecesse absurdo. O homem que me fez acreditar que milagres existem quando eles nascem dentro de nós. Aquele que me chama de “herói”, mas que na verdade foi ele que sempre me protegeu do mundo e me ensinou que para ser feliz, não se precisa de muito. Só de boas pessoas para conversar.

A Eduardo Henrique de Oliveira Beltrão, meu irmão do meio, a quem quando era criança, eu o contava histórias sobre guerreiros e desafios em universos fantásticos. Hoje, ele batalha ao meu lado nessa jornada. E juntos, comemoramos nossas vitórias.

A Ryan Wennedy de Oliveira Beltrão, meu irmão caçula, que não me permite esquecer que com um sorriso as coisas ficam mais fáceis. Não por acaso, o chamo de “Vida”.

A meu marido Flávio Antônio Santos, com quem divido meus sonhos, angustias e medos. Que esteve ao meu lado durante todo esse processo, e não permitiu que eu desistisse. É a família que estou construindo e a quem agradeço por estar ao meu lado.

A Lilliam Ramalho, o anjo que a vida colocou na minha vida. A pessoa que me enxerga com o olhar mais delicado e sensível que alguém poderia ter com o outro. Uma amiga que me atende quando todo mundo está dormindo, e que me entende quando ninguém mais consegue.

Aos professores Rômulo Azevedo, Agda Aquino, Cássia Lobão e Carlos Barros que me fizeram acreditar que existia um caminho para mim nesse curso. E eu devia continuar.

A minha orientadora Cristianne Melo pela confiança e liberdade com a qual conduziu esse processo.

Aos professores Luciellen e Rostand, por terem aceitado o convite de participarem da avaliação e colaborarem no aprimoramento do mesmo.

À Comunidade Quilombola de Caiana dos Crioulos.

A todos os filmes, novelas, desenhos, séries, músicas e livros que chegaram até mim de forma natural, mas que se tornaram fundamentais na minha formação cultural e humana.

E a todas as “bolinhas de pelo” que passaram pela minha vida, sendo atualmente as minhas quatro gatas: “Amiguinha”, “Lilly”, “Maya” e “Pão Doce”. Afinal, “Não te envergonhes se, às vezes, animais estejam mais próximos de ti do que pessoas. Eles também são teus irmãos” (Francisco de Assis).

*Gente é pedra
O tempo que endurece a rocha
É o mesmo que amolece a gente
Com o tempo, o ser humano amadurece
E a rocha fica reluzente
- Mesma joia, pedra e gente
Lapidadas pelo tempo,
Gente e pedra são brilhantes
Pelo tempo, trabalhadas lentamente
Transformadas, gente e pedra
Em diamantes.*

*Socorro Lira
In "A Pena Secreta da Asa"*

RESUMO

O presente trabalho caracteriza-se enquanto um produto midiático, tipificado como reportagem especial pautada nas tradições, estórias, lendas e danças da comunidade quilombola “Caiana dos Crioulos”, durante o evento cultural “Caminhos do Frio” na cidade de Alagoa Grande – PB. A partir do entendimento do quilombo como emissor dessas tradições, lançamos um olhar sobre a população negra do município, fazendo-se representados personagens icônicos como Jackson do Pandeiro e Margarida Maria Alves, símbolos de resistência, assim como os próprios quilombos. Desse modo, objetivamos o desenvolvimento de capacidades técnicas de uma produção jornalística para TV e para a Internet; a ampliação das técnicas do fazer jornalístico na prática, tais como produção, reportagem, gravação, edição, além da busca na identificação de elementos que colaborem na construção audiovisual de uma reportagem especial focada em costumes e crenças. Desenvolvemos o trabalho de campo, durante uma ida à comunidade quilombola e a alguns museus da cidade, em um momento particular de abertura para que turistas e visitantes entrassem em contato com os seus costumes, tradições e estórias da comunidade. Metodologicamente, o estudo esteve amparado pela orientação e direcionamento teórico em comunicação social, no campo do jornalismo, tais como a pré-produção, execução e pós-produção. O material coletado passou por um processo de roteirização e edição, tendo como resultado uma produção audiovisual e um relatório escrito, onde serão apresentados seus aspectos teóricos e conceituais.

Palavras-chave: Quilombo; Resistência; Caiana dos Crioulos; Reportagem especial.

ABSTRACT

This study is characterized as a media product, deemed to be a special report, based on the traditions, stories, legends and dances quilombo "Caiana dos Crioulos" during the cultural event "Cold Roads" in the city of Alagoa Grande - PB. From the understanding of the quilombo as issuer of these traditions, we launched look at the black population of the municipality, becoming iconic characters represented as Jackson do Pandeiro and Margarida Alves, symbols of resistance, as well as quilombos themselves. Thus, we aim to develop technical capabilities of a journalistic production for TV and the Internet; the expansion of the techniques of journalism do in practice, such as production, reporting, recording, editing, and seek to identify elements that collaborate in the audiovisual construction of a special report focused on customs and beliefs. We develop fieldwork during a trip to the quilombo, and some museums of the city, at a particular time of opening to tourists and visitors get in touch with their customs, traditions and community stories. Methodologically, the study was supported by the theoretical guidance and direction in the media, in the field of journalism, such as the production, implementation and postproduction. The material collected, passed through a process of routing and editing, resulting in audiovisual production and a written report that will present their theoretical and conceptual aspects.

Keywords: Quilombo; Resistance; Caiana dos Crioulos; Special report.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 – Anúncio do evento “Vivenciando Caiana dos Crioulos.....	31
Imagem 02 – Programação da Rota Cultural “Caminhos do Frio” em destaque a atração de Caiana dos Crioulos.....	35
Imagem 03 – Moradoras do quilombo posando para jornalistas e visitantes.....	39
Imagem 04 – Caminhada durante a trilha para o “Reinado Encantado”.....	40
Imagem 05 – Entrevista com Cida da Caiana.....	41
Imagem 06 – Registrando as inscrições na pedra. Supostamente grafismos rupestres.....	41
Imagem 07 – Retorno da trilha, registrando uma flor na margem do caminho.....	42
Imagem 08 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem na Praça Principal de Alagoa Grande – PB.....	45
Imagem 09 – Casa de Margarida Maria Alves – Livro de Assinatura.....	46
Imagem 10 - Gama de cores utilizada na identidade visual e as imagens que serviram de base para a logomarca.....	50
Imagem 11 – Captura das formas em alta resolução para uso em softwares gráficos.....	51
Imagem 12 – Pattern (padrão) utilizado no preenchimento da fonte.....	51
Imagem 13 – Aspecto final da logomarca da reportagem.....	52
Imagem 14 – Elemento gráfico inspirado nas inscrições entalhadas na pedra do “Reino do Encantado”	53
Imagem 15 – Aspecto final do gerador de caracteres.....	53

LISTA DE TABELAS, QUADROS E ILUSTRAÇÕES

Tabela 01 – Orçamento de custos.....	15
Quadro 01 – Cronograma de Atividades.....	16
Ilustração 01 – Localização do Brejo Paraibano.....	21
Ilustração 02 – Mapa: localização de Alagoa Grande – PB.....	22

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
OBJETIVOS.....	13
JUSTIFICATIVAS.....	13
ORÇAMENTO.....	15
CRONOGRAMA.....	16
1 DETALHAMENTO TÉCNICO	17
1.1 Reportagem.....	17
1.2 Cenários.....	20
1.3 Questão Social e Histórica.....	23
2 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO	28
2.1 Pré-Produção.....	28
2.1.1 Produto Midiático.....	28
2.1.2 Reportagem Especial.....	28
2.1.3 Tema.....	29
2.1.4 Primeiros contatos.....	32
2.2 Produção.....	36
2.2.1 Saída para Caiana dos Crioulos.....	36
2.2.2 Rumo ao quilombo.....	37
2.2.3 Produção das imagens complementares na zona urbana de Alagoa Grande - PB	44
2.2.3.1 Praça municipal	44
2.2.3.2 Memorial Jackson do Pandeiro	45
2.2.3.3 Casa de Margarida Maria Alves.....	46
2.2.3.4 Últimas gravações.....	47
2.3 Pós-produção	48
2.3.1 Conceito.....	48
2.3.2 Imagens e sons.....	48
2.3.3 Identidade Visual.....	50
2.3.3.1 Logo.....	51
2.3.3.2 Gerador de Caracteres (GC).....	52
2.3.4 Perspectivas de contribuições para a comunidade.....	54

CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	59

INTRODUÇÃO

A cidade de Alagoa Grande, localizada no agreste paraibano, atualmente com uma população estimada de 28.646 habitantes, é berço de nomes conhecidos a exemplo de José Silva Gomes Filho, artisticamente identificado como *Jackson do Pandeiro*, que traz na sua gênese a ligação idiossincrática com os ritmos de influência negra, como o coco, a ciranda e o imaginário popular.

Igualmente importante, o município figura não apenas no cenário local, mas também no cenário nacional, como símbolo de resistência fundamental nas relações sociais que assujeitaram as populações pobres e majoritariamente negras durante não só épocas historicamente demarcadas, como os ciclos econômicos da cana de açúcar, mas no período da ditadura militar e a redemocratização.

Considerando episódios históricos mais recentes, a sindicalista Margarida Maria Alves, configura-se como um personagem bastante emblemático. Ganhadora póstuma do Prêmio *Pax Christi International*, uma organização internacional de tradições católicas pela paz, Margarida Alves lutava contra a expropriação das terras e pelas condições de trabalho escravo nos engenhos das cidades do Brejo Paraibano. Defendia as condições mínimas de direitos asseguradas a todos os trabalhadores, em sua maioria negros, que nesses locais não eram cumpridos. Contudo, em um conflito de interesses, entre as bandeiras defendidas pela sindicalista e os proprietários do engenho, a mesma foi assassinada com um tiro no rosto. À ela foi atribuída a frase “*É melhor morrer na luta, do que morrer de fome*”, sendo a militante, um símbolo até hoje de importantes movimentos nacionais como a *Marcha das Margaridas*, movimento que tem como principal objetivo defender os interesses das mulheres trabalhadoras rurais de todas as regiões do Brasil e América Latina.

Como marca de resistência e de sobrevivência das matrizes culturais, os quilombos são comunidades onde as populações negras, não apenas preservam a sua relação de propriedade com a terra, mas mantêm são preservadas as suas práticas e crenças, dentre elas o patrimônio cultural, onde estão situados os registros do imaginário.

Segundo Souza e Cahino (2013, p.04), o Quilombo de Caiana dos Crioulos

é um dos patrimônios culturais da Paraíba e no passado chegou a ter por volta de dois mil habitantes, descendentes diretos de escravos que se instalaram por lá entre os séculos 17 e 19 (XVII e XIX) supostamente vindos de Mamanguape,

região do vale do rio de mesmo nome, tendo exercido importante papel na economia colonial da cana de açúcar e ainda agrega participação na indústria sucroalcooleira do estado da Paraíba (grifo nosso), após uma rebelião ocorrida em um navio que aportou em Baía da Traição nesse período.

De acordo com os pesquisadores

Caiana surgiu de negros fugidos de Palmares ou de escravos abolidos de Areia, libertos antes da Lei Áurea. Mais de noventa por cento de seus habitantes detêm ancestralidade africana, o que possibilitou, junto com a historiografia do local, que a comunidade fosse reconhecida em maio de 2005 pela Fundação Cultural Palmares como sendo um dos treze legítimos quilombos brasileiros (SOUZA e CAHINO, 2013. pp.4-5).

Em Caiana, existem diversas lendas. Uma dessas, entre o rico repertório da comunidade, repassadas por meio da tradição oral, é a lenda do “*Reino do Encantado*”, com contornos sobrenaturais, tal conto abriga temas como liberdade, ouro, medo e coragem. Um novo mundo escondido por entre pedras, com o qual muitos sonham, outros admitem já terem chegado muito próximo e não ter conseguido continuar, e aqueles que o temem, apesar das promessas que ele o reserva. Já sobre os que conseguiram, alguns dizem que nunca mais foram vistos. Essa e outras histórias compõem o patrimônio imaterial de Caiana dos Crioulos, indicando a necessidade de reconhecer parte da história dos negros no Brasil.

O contato com os costumes e a cultura local é um dos atrativos da rota cultural “Caminhos do Frio”. Uma ação itinerante que percorre várias cidades da região do Brejo Paraibano (Areia, Pilões, Remígio, Solânea, Serraria, Bananeiras, Matinhas, Alagoa Nova e Alagoa Grande), e que propõe uma imersão ao cotidiano dessas cidades, como forma de possibilitar o contato direto com toda a riqueza histórica, artística e cultural do seu povo.

Diante deste cenário, o presente documento relata a produção de um registro audiovisual focado nas tradições, estórias, lendas e danças da comunidade, no momento em que a comunidade recebe um grupo de visitantes, em excursão, durante o Festival Cultural “Caminhos do Frio” em 2016, na cidade de Alagoa Grande no Estado na Paraíba. O evento faz parte de uma ação itinerante, na qual, cada município oferece a sua contribuição, a partir das peculiaridades culturais de cada lugar.

O produto midiático foi produzido em formato de reportagem especial, caracterizando-se, além da sua longa duração, pela sensibilidade em imagens e falas,

com ênfase na escolha de elementos audiovisuais que contemplem a atmosfera local, como a relação natural dos seus moradores com a musicalidade, as cores e os movimentos.

OBJETIVOS

Geral

Produzir uma reportagem audiovisual sobre a trajetória da população negra da cidade de Alagoa Grande – PB.

Específicos

- Desenvolver a capacidade técnica a partir de uma produção jornalística para TV e para a Internet;
- Ampliar técnicas do fazer jornalismo na prática, tais como: produção, reportagem, gravação, edição;
- Identificar os elementos que colaborem na construção áudio visual de uma reportagem especial focada em costumes e crenças;
- Apresentar os costumes, tradições e estórias da comunidade quilombola “Caiana dos Crioulos, por meio de seus personagens;
- Registrar a fala dos moradores sobre a lenda do “O Reino do Encantado”.

JUSTIFICATIVA

A escravidão em nosso país deixou marcas severas em nosso povo e mesmo tantos anos depois ainda se faz necessário debater questões como racismo, liberdade e religiosidade. A escolha por trazer essa comunidade no contexto de um festival cultural itinerante em um dia de visitação e festividades vem como forma de contemplar a diversidade e o respeito presente na ocasião.

É representativo e simbólico um quilombo que abre suas fronteiras para apresentar sua história e cotidiano a quem não o habita. Esse protagonismo é uma responsabilidade desse projeto com a questão social e racial de nosso país, que midiaticamente pouco direciona seus olhares para essa população.

Além das contribuições sociais, é importante destacar a importância deste trabalho para a formação teórica e técnica do pesquisador. A reportagem especial como produto midiático para conclusão de curso em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo é de grande importância, tendo em vista no exercício da profissão, a preparação para o mercado de trabalho. Abarcando o caráter especial da reportagem, focamos o trabalho nas histórias contadas e menos na factualidade do registro, mesmo que esse tenha sido cuidadosamente escolhido.

ORÇAMENTO

Descrição	Quantidade	Valor Unitário	Valor Total
Passaporte para o evento (alimentação + transporte)	07 passaportes	25,00	175,00
Deslocamentos intermunicipais e locais	-	-	210,00
Alimentação fora do evento	-	-	180,00
Hospedagem	02 diárias	100,00	200,00
Equipamento 1	01 microfone	200,00	200,00
Equipamento 2	01 canopla para microfone	40,00	40,00
Lente 50mm	01	Emprestado	Emprestado
Rebatedor	01	Emprestado	Emprestado
Bateria extra	01	Emprestado	Emprestado
Despesas totais			R\$ 1.005,00

Tabela 01 – Orçamento de custos

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES

MÊS/ETAPAS	JUL 2016	AGO 2016	SET 2016	OUT 2016	NOV 2016
Escolha do tema					
Levantamento bibliográfico					
Elaboração do anteprojeto					
Levantamento de fontes bibliográficas					
Desenvolvimento da pauta e produção					
Gravação de entrevistas/ Fotos/relatório técnico					
Organização do roteiro e edição dos vídeos					
Produção do relatório					
Revisão e redação final					
Entrega do produto midiático e relatório					
Defesa do TCC					
Colação de Grau					

Quadro 01 – Cronograma de Atividades

1 DETALHAMENTO TÉCNICO

1.1 Reportagem

A reportagem é um modelo jornalístico utilizado como instrumento técnico, conceitual e teórico com a finalidade de registrar os mais diversos assuntos. Sua plataforma de veiculação pode ser a internet, televisão, rádio ou impressos, mas em comum em todas elas, está a sua base, que é a captação e checagem das informações que deverão ser levadas ao público.

Uma reportagem nasce do interesse dos receptores ou do profissional de comunicação em apresentar temáticas de interesse de um público massivo ou segmentado, lançando discussões para que sejam debatidas pela população.

Na televisão, esse gênero ganha movimento, música, cor e som além das informações, fontes e falas que darão credibilidade ao conteúdo produzido. O exercício de colocar um microfone e uma câmera diante de um entrevistado é dar voz e rosto para quem em outras plataformas ainda era trazido em segundo plano diante da figura do jornalista. Essa proximidade entre notícia e público diminui a distinção de lugares entre o profissional de comunicação e a população, apresentando desta forma um diálogo mais íntimo. “A entrevista em televisão tem o poder de transmitir o que o jornalismo impresso nem sempre consegue: a exposição da intimidade com o entrevistado.” (BARBEIRO; LIMA, 2002, p.85).

Segundo Bonini (2001b; 2002c), praticamente inexitem trabalhos que estabeleçam correlações entre gêneros ou mesmo que comportem uma análise substancial do conteúdo de um jornal de forma mais abrangente. Para o autor, podemos depreender na reportagem jornalística aspectos de seu funcionamento característicos de um hipergênero, um gênero com função de suporte que consegue abarcar outros em um grupo geral. Tudo isso, sem anular as peculiaridades desses gêneros específicos, que reproduzem outros formatos ou flexibilidades quanto a seus formatos. Esse diálogo entre perspectivas e técnicas distintas traz a variedade que ajuda a compor a dinâmica de um produto jornalístico.

Sua matéria prima pode estar no cotidiano ou mesmo em questões que solicitam um maior aprofundamento em pesquisa e elaboração, sendo tratadas pelos veículos de comunicação e profissionais autônomos pelo jargão jornalístico como “Reportagem Especial”.

O gênero é frequente em revistas e jornais com abordagens mais aprofundadas, que ganham um maior número de páginas, informações e destaque dentro da publicação. Na televisão, é geralmente utilizada para pautas que precisam de uma maior reflexão, sejam elas políticas, sociais ou mesmo culturais, que é o caso da abordagem deste trabalho. Sua forma obedece e respeita a estrutura tradicional das outras reportagens com as quais divide espaço dentro dos telejornais. O que a diferencia é justamente o maior tempo de produção, execução e também “*tempo de arte*”.

Assim como em outros formatos jornalísticos dentro e fora dos telejornais, essas variações configuram uma busca do jornalismo em levar a notícia com um novo olhar e abastecer um público que deseja consumir informação em diferentes plataformas, horários, formatos e estéticas.

O telejornalismo buscou outros formatos, além do telejornal. Por isso mantém-se em evidência em todas as grades de programação. São programas de debate e entrevista, mediados pelos jornalistas da rede, e também os documentários e reportagens especiais que ocupam os departamentos de jornalismo das emissoras (ARONCHI, 2004, p.152).

Para a construção de uma reportagem, o primeiro passo é a produção, etapa onde ocorrem as sugestões de pautas, seguidas dos questionamentos teóricos, de público e empresariais acerca da importância e viabilidade de sua execução. Ocorre então, o planejamento dessa produção partindo da pesquisa, levantamento de fontes e então a finalização da pauta, material que dará suporte ao jornalista para a realização da matéria em campo.

Em uma “reportagem especial” esse processo acontece da mesma maneira, porém com um maior tempo para cada uma de suas etapas e na duração do produto final. Mesmo que acabe perdendo a instantaneidade do fato ou a exclusividade, como os veículos de comunicação costumam destacar, ao oferecer ao seu público um trabalho de maior complexidade para quem espera um conteúdo que vá além da objetividade cotidiana. Apesar disto, a linguagem não pode deixar de ser simples, clara e objetiva. A

mensagem deve ser de fácil compreensão gerando uma maior aproximação entre o conteúdo e o público.

Já a captação de imagens deve informar com sutileza, sem os perigosos exageros tradicionais dos formatos sensacionalistas. Mais do que ilustrar, deve pedir licença para que, junto ao texto, possam contar uma história juntos.

Em telejornalismo, a preocupação é fazer com que texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde a sua função. O papel da palavra não é brigar com a imagem (PATERNOSTRO; 2006, pp.85 - 86).

Recursos sonoros também complementam os itens visuais e textuais de uma reportagem. A atenção do telespectador é arrancada por meio daquilo que é inovador. É provável que o mesmo esteja saturado de visualizar, em programas policiais, por exemplo, imagens da vítima no início da reportagem. Por isso, em programas culturais, de entretenimento, de saúde, entre outros, o público espera algo mais. Imagem e som ainda que muitas vezes falem por si, precisam de criatividade.

Além disto, o jornalista deve se preocupar com o que pode ser transmitido por meio de subjetividades conscientes ou inconscientes, que possam flexibilizar um discurso ou mesmo levantar possibilidades inconvenientes sobre o objetivo do produto. Segundo A. Merhabian, citado por Canavilhas (2001, p. 6),

em televisão, o que a pessoa diz não representa senão 7% do que realmente comunica; 38% da mensagem é transmitida pela sua maneira de se exprimir (voz, vocabulário, ritmo do discurso) e 55% pelas expressões da face e movimentos do corpo.

Podendo, desta maneira, distanciar o produto do que se espera enquanto conteúdo jornalístico e seu compromisso em informar com clareza e precisão. Diante disto, esses elementos da comunicação devem ser trazidos para dentro da proposta do conteúdo e dialogarem com os textos, falas, imagens e sons.

Após esse processo de realização da reportagem, a última etapa da execução do trabalho proposto na pauta é a edição do conteúdo.

Editar é uma arte. No sentido de lapidar a reportagem usando seus ingredientes básicos — imagem, informação e emoção — para contar uma história no tempo certo. O tempo certo de cada reportagem depende da importância jornalística do assunto e da força das imagens (BARBEIRO; LIMA, 2002, p.163).

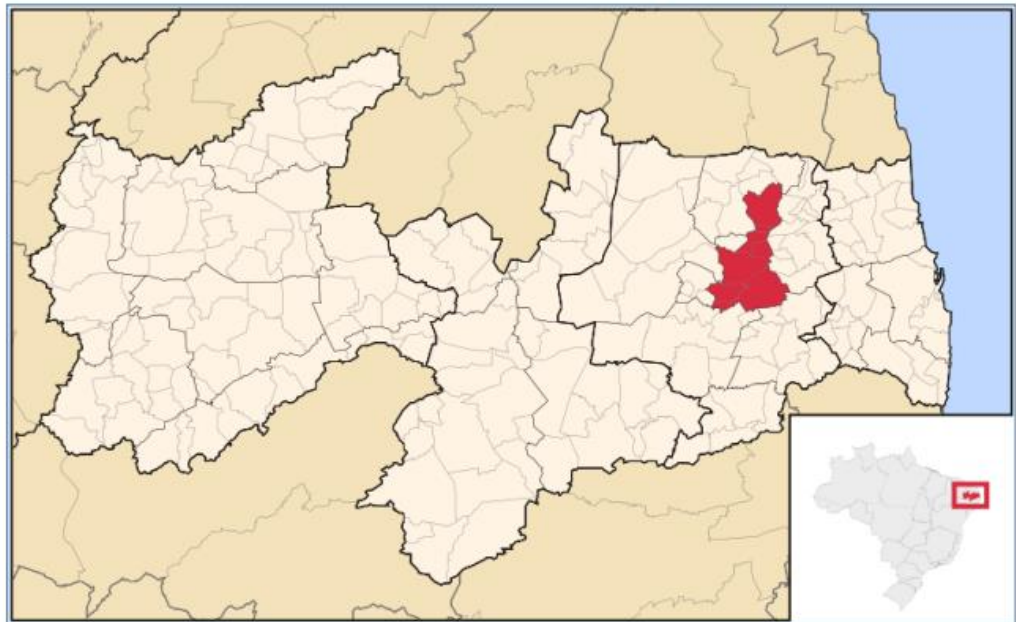
Tal montagem vai levar em consideração a melhor forma de recortar os elementos acima citados e colá-los de maneira que tenham uma unidade e juntos consigam representar o propósito do produto. Sua duração final em um veículo de comunicação vai depender de diversos fatores que serão determinados individualmente por cada empresa ou jornalista. No caso deste trabalho de conclusão de curso, a reportagem especial deverá ter o tempo de treze (13) minutos.

1.2 Cenários

O município de Alagoa Grande localiza-se na mesorregião do Agreste Paraibano, na microrregião do Brejo, distando 111 km da capital João Pessoa, 60 km de Campina Grande e 29 km de Guarabira. Limita-se ao Norte com os municípios de Areia e Alagoinha; ao Sul, com Serra Redonda; a Leste, com Gurinhém e Mulungu; a Oeste, com os municípios de Alagoa Nova e Matinhas; a Sudeste, com Juarez Távora e a Sudoeste, com Massaranduba.

De acordo com o IBGE, no ano de 2015, sua população estimada era de 28.646 habitantes. Sua área territorial abrange cerca de 320,563 km² e seu bioma é a caatinga. Possui densidade demográfica de 88,84 hab./km². A maior parte de seu Produto Interno Bruto (PIB) está vinculada ao setor de serviços, sendo seguido pela indústria e pela agricultura (IBGE CIDADES, 2015).

Ilustração 01 – Localização do Brejo paraibano



Fonte: Blog Jornal Guarabira (2013). Disponível em:
<http://www.guarabira.jex.com.br/brejo/pilar+consorcio+intermunicipal>.

Alagoa Grande (PB) apresenta um passado com grandes personagens do nosso país e alguns dos movimentos mais marcantes de nossa história, tem em nomes póstumos de filhos de sua terra, o cantor e instrumentista Jackson do Pandeiro e a líder sindical Margarida Maria Alves. Entretanto, quem visita à zona urbana da cidade pela primeira vez, pode não saber que à 12 km dali, em sua zona rural, entre as inúmeras serras de sua região sudoeste, encontra-se um grupo de pessoas com muito para nos contar sobre nossas próprias raízes. Trata-se do Quilombo de Caiana dos Crioulos.

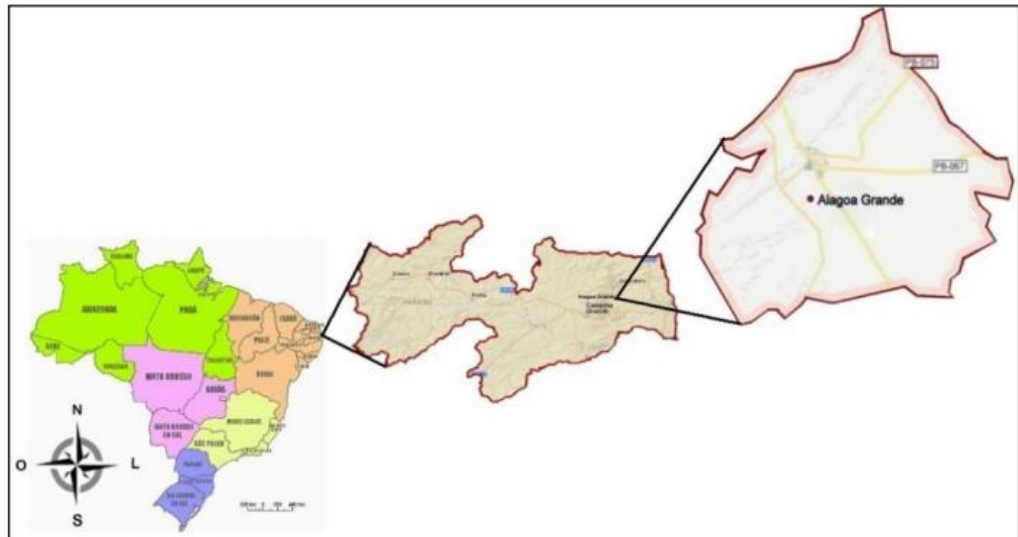
Sua localização, no entanto, não é por acaso, como explica Moreira (2009. p. 82):

Ao adentrar em Caiana dos Crioulos, imediatamente, pode-se perceber que se trata de um território construído em lugar de difícil acesso e com pontos de visão privilegiados, que serviam com estratégia de proteção no período escravista. As casas são dispersas, sem um arruamento definido e com tamanhos de quintais também diferentes que indicam uma história de subdivisão territorial através da relação de hereditariedade.

Discorrer sobre esse local e seu povo é dialogar com o passado, presente e futuro, com um toque particular de quem representa gerações inteiras de seres humanos

escravizados pelo poder e pela religião católica. Um quilombo é um dos símbolos mais importantes de luta que possuímos e observar como eles se organizam e lidam com questões como gênero, religiosidade, arte e trabalho é perceber que eles ainda precisam resistir diariamente.

Ilustração 02 – Mapa: Localização de Alagoa Grande – PB



Fonte: Acervo Pessoal de Janailson Macêdo Luiz. Produção (a pedido): ENGEO: Sensoriamento Remoto & Geoprocessamento.

As paisagens naturais mesclam-se com os arranjos socioeconômicos e culturais reproduzidos a nível nacional e local, por meio dos engenhos, das plantações e das moradias dos trabalhadores. Assim como também através das edificações relacionadas às atividades administrativas, religiosas e culturais.

Segundo Almeida (2002), o conceito de quilombo vai muito além de passado:

(...) o quilombo já surge como sobrevivência, como 'remanescente'. Reconhece-se o que sobrou, o que é visto como residual, aquilo que restou, ou seja, aceita-se o que já foi. Julgo que, ao contrário, se deveria trabalhar com o conceito de quilombo considerando o que ele é no presente. Em outras palavras, tem que haver um deslocamento. Não é discutir o que foi, e sim discutir o que é e como essa autonomia foi sendo construída historicamente. (ALMEIDA, 2002, pp. 53-54).

O quilombo Caiana do Crioulos tem um expressivo valor histórico, artístico, paisagístico, arqueológico, paleontológico e científico. Trata-se de uma comunidade viva, pulsante e em eterna transformação. Dessa forma deve ser também compreendida no seu presente.

1.3 Questão Social e Histórica

Para entender melhor a sua importância, é necessário voltar no tempo para explicar a chegada da população negra a região que hoje está localizado o quilombo Caiana dos Crioulos.

Essa presença está diretamente ligada ao processo de escravidão na América Portuguesa no período colonial e no Brasil por quase todo o período imperial (1822-1889) e só terminando em 1888, apenas um ano antes da nossa proclamação da República. Além disto, vale destacar que a mão de obra escrava era majoritariamente empregada na agricultura, no plantio de feijão, café, milho, mandioca, algodão e em especial a cana-de-açúcar que, inclusive, dominou o cenário agrícola no Brejo da Paraíba nos séculos XIX e XX. Inicialmente, tentou-se utilizar os indígenas para esses cultivos, entretanto logo trouxeram seres humanos em condição de escravos vindos do continente africano. Se estima que entre os séculos XVI e XIX mais de doze milhões tenham chegado ao continente americano e desses algo em torno de quatro milhões seriam só para o que hoje compreendemos como território brasileiro.

Na Paraíba, de acordo com Lima, Lima e Rocha (2007, p. 38):

As pessoas que foram escravizadas na Paraíba, do final do século XVI ao XIX, eram provenientes de diferentes povos africanos, entre os quais se destacaram os bantos, da região da atual Angola, que abrangia três grandes áreas, nas quais se encontravam variados grupos étnicos como os congos, gabãos, cabindas, bacongos, benguelas, ovimbundos, cassanges, angolas, cabundas, rebolos e muitos outros.

Os engenhos de cana até hoje são lembrados como símbolos da economia na região. Eles eram constituídos da “Casa-Grande”, a moradia do Senhor de engenho e sua família. O engenho, propriamente dito, local onde era produzido a moagem da cana, servindo principalmente para a produção do açúcar, da cachaça e da rapadura. Também não podia faltar a simbologia cristã, presente em forma de capelas, que servia para determinar a presença da Igreja Católica no local, e a sua parceria nesse sistema. Ainda fazia-se presente a senzala, local onde os escravos eram mantidos e por fim, alguns homens livres que trabalhavam como agregados. Vale destacar que a cidade de Alagoa

Grande, entre outras cidades da região, continua sendo reconhecida pela produção de cachaça, como é o caso da “Volúpia”, que exporta para o mundo todo o seu produto.

Mesmo diante deste cenário, a situação na Paraíba não era tão lucrativa comparada aos engenhos de outras regiões do país, porém, servia para definir lugares, e tal fato parecia mais importante que qualquer dinheiro que estivesse envolvido. Segundo Avelar (1996, p. 15):

Os lucros dos senhores de engenhos do brejo paraibano com a rapadura, a aguardente e o açúcar, eram inferiores à posição social que ocupavam. Havia mais “nome”, havia, como se diz nos dias de hoje, mais status do que dinheiro. Só com a renda dos engenhos (alguns tinham outras fontes lucrativas, herdadas e/ou adquiridas, atingindo a riqueza) eles viviam mais ou menos equilibrados financeiramente falando (vários enfrentando algumas crises financeiras), mas não eram ricos nem mesmo a nível regional.

Com o passar do tempo, em toda América Latina a escravidão foi sendo abolida de seus regimes políticos, enquanto no Brasil os embates entre os escravos e os “senhores de engenho” foram ganhando cada vez mais força. O país, mesmo pressionado no exterior, mantinha o regime de escravidão em vigência.

Alguns negros foram conseguindo a sua “carta de alforria”, uma espécie de documento de liberdade, na maioria das vezes mediante altos pagamentos. Outros, acabaram alcançando essa liberdade pelas próprias mãos, conseguindo fugir da repressão de “seus senhores” e estabelecendo suas próprias comunidades, os chamados quilombos. Segundo SOUZA e CAHINO (2013) esse foi o caso de muitos escravos no Brejo Paraibano e de localidades próximas que criaram o que hoje conhecemos como “Caiana dos Crioulos”.

Seguindo por esta linha do tempo, em 1888 o Brasil colocou fim na escravidão, mas não às práticas escravagistas, questão ainda hoje debatida em nosso país como um passado muito presente em estatísticas e discursos de preconceito.

Durante a Primeira República os coronéis reinavam, assim como os usineiros na segunda metade do século XX. Em Alagoa Grande (PB), a Usina Tanques era alvo de denúncias de assassinatos contra seus trabalhadores ou quem ousasse ir contra suas ordens. Nesse cenário, surge a liderança feminina de Margarida Maria Alves - oriunda de Caiana do Agreste, comunidade com origem comum a Caiana dos Crioulos - que reivindicava melhores condições de trabalho e o fim desse regime de relação irregular

entre patrão e empregado. Margarida Alves acabou morta em 1983 a mando de latifundiários locais. Sua história pode ser considerada parte da herança do período escravista, época onde seres humanos possuíam donos que tinham nas mãos sua vida e sua morte.

Com o fim do ciclo do açúcar, e os negros migram para a região sudeste em busca de melhores condições de trabalho e qualidade de vida, sendo o Rio de Janeiro um dos destinos mais frequentes. Estima-se que somente a população de Caiana dos Crioulos tenha diminuído de aproximadamente duas mil pessoas no início da década de 1990 para aproximadamente quinhentos habitantes (AVELAR, 1996).

No início do século XX, os ritmos e as danças de origem negra começam a ser difundidas em Alagoa Grande e no Brejo. Jackson do Pandeiro, o artista da cidade com maior repercussão é filho de Flora Maria Conceição, artisticamente conhecido como Flora Mourão, uma cantora de côco que se apresentava nas feiras da cidade junto ao seu filho ainda pequeno. Anos mais tarde, ele fez história tendo como base as músicas que ouvia de sua mãe e o compasso que ele levou ao país inteiro, sendo considerado como o “*Rei do Ritmo*”.

Nas últimas décadas, Caiana dos Crioulos enfim ganha o merecido reconhecimento não apenas como quilombo, que assegura do ponto de vista legal a posse da terra. Caiana se firma como um dos berços culturais das tradições de matriz negra no país, configurando-se como um dos oito quilombos que até hoje ainda resistem ao tempo e a própria história. Recebe frequentemente pesquisadores de todo o mundo, além de jornalistas, artistas e interessados em geral. Essa comunidade acaba atraindo olhares pela riqueza diversa que está justamente nas facetas mais simples e cotidianas de seu povo, pois vão muito além de memórias individuais, como destaca Bosi (1994, p. 423):

As lembranças do grupo doméstico persistem matizadas em cada um de seus membros e constituem uma memória ao mesmo tempo una e diferenciada. Trocando opiniões, dialogando sobre tudo, suas lembranças guardam vínculos difíceis de separar. Os vínculos podem persistir mesmo quando se desagregou o núcleo onde sua história teve origem. Esse enraizamento num solo comum transcende o sentimento individual.

Diante desse e de outros cenários regionais, surge no ano de 2005 o projeto “Caminhos do Frio- Rota Cultural”, visando promover a interface da cultura, mostrando aos visitantes a potencialidade da região para o turismo de aventura e ecoturismo.

Somado a isso, todo o patrimônio histórico, artes integradas, artesanato e gastronomia regional. Tal projeto busca disseminar a cultura paraibana, e toda sua diversidade, transformando estas cidades em uma grande oficina de arte e debates da cultura local e nacional.

A inclusão no turismo é resultado da formulação de políticas de geração de emprego e renda, pela busca de um modelo de desenvolvimento baseado na realidade local para, então, estabelecer as principais linhas de ação; e da atitude de estimular a comunidade a exercer sua cidadania através da participação popular, pois se assim for feito, mais do que criar os canais para este exercício, estará definindo e esclarecendo os papéis e competências dos diversos atores envolvidos. (SALES; VICENTE; CAETANO; NETO; COSTA, 2004 *apud* BRANDÃO, 2006, p. 49).

Este projeto itinerante leva o visitante a construir uma narrativa mais ampla sobre o brejo Paraibano e embarcar em seu cotidiano. Mais do que conhecer, é uma oportunidade única de vivenciar uma nova realidade que muitas vezes, pode ser bem mais familiar do que se imaginava.

Em Caiana dos Crioulos, assim como em muitas outras comunidades que documentaram sua história em registros simbólicos e narrativos transmitidos de geração para geração, sua arte acaba surgindo como mais um grito de resistência. Suas trajetórias são destrinchadas em passos, vestes, rimas e crenças. Nesse conceito, para essa população, lembrar se torna uma função social. E função essa destinada principalmente aos seus grupos culturais, como os grupos de ciranda, côco de roda e bandinhas de pífano, mas também a todo aquele com o interesse em contar e ouvir uma história.

Segundo Halbwachs (2006) essas memórias coletivas, ou mesmos registros e interpretações individuais não invalidam a legitimidade de seus discursos ou do que carregam. Pelo contrário:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2006, p. 30).

Entre seus muitos registros constituídos de oralidade, destaca-se a gruta da “*pedra do reino encantado*”, um lajedo contendo inscrições muito antigas que já despertou a atenção de diversos especialistas de outros estados e até mesmo de outros países.

Segundo seus moradores, por essas terras existem seres sobrenaturais responsáveis por guardar uma verdadeira civilização oculta. Ela seria repleta de riquezas que estariam à espera de quem tivesse coragem para alcançá-las. Essa “*terra prometida*”, em livre interpretação, remete ao próprio surgimento do quilombo e das expectativas e desafios que representou para seus ancestrais. Muitas pessoas afirmam ainda ter encontrado objetos de ouro e peças de renda que teriam características de séculos passados. Esses e outros detalhes inquietam e nos fazem refletir sobre qual seria a sua origem e construção imaginária e histórica.

Apesar disso, mais do que tentar traduzir crenças e valores, esse produto midiático buscou dar voz para elas, como se apresentarem, e permitiu que a própria comunidade do quilombo de Caiana dos Crioulos nos guiasse nesse registro audiovisual.

2 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

2.1 Pré-produção

2.1.1 Produto Midiático

A escolha pela modalidade de produto midiático partiu do desejo de projetar a voz de outras pessoas, para que elas pudessem contar suas histórias. Partindo dessa premissa, buscamos em todo o percurso nos colocar na posição de veículo entre a história, o social e o humano. Entendendo o papel do jornalista enquanto pesquisador, na condução desse diálogo, e trazendo para si a experiência em vivenciar esse percurso e transmití-lo ao público.

O produto midiático construído como trabalho de conclusão de curso costuma ser produzido por três alunos divididos nas funções de produtor, repórter e editor. Encaramos o desafio e o fizemos sem o suporte de outros estudantes de comunicação. Mais do que funções, ganhávamos também a possibilidade de um trabalho mais autoral, além, é claro, do exercício técnico e teórico de uma produção do seu início ao fim.

2.1.2 Reportagem Especial

Ao acompanhar, com decepção, a maneira como a maioria dos jornalísticos produziam notícias, surge o questionamento de qual seria a própria validade do ofício e do conceito de factualidade. Por exemplo, qual a importância em trazer tantos casos de violência, se não há incentivo para uma reflexão mais aprofundada sobre os mesmos? Mais do que estatísticas ou até o jornalismo humanizado, que a imprensa propositalmente confunde com sensacionalismo, os indivíduos possuem uma raiz social que deve ser discutida com os dados e depoimentos.

Decidimos pela produção de uma reportagem especial pela possibilidade do diálogo com outros gêneros dentro desse formato, assim como observado em outras produções, entre elas: Fantástico, Globo Repórter e Globo Comunidade da Rede Globo, o programa A Liga da Rede Bandeirantes, Fernando Gabeira na Globo News e Caminhos

da Reportagem na TV Brasil. Além da televisão, as reportagens especiais produzidas com conteúdo audiovisual estão vivenciando um forte processo de transformação com o advento da Internet como plataforma de conteúdo, onde buscam se reinventar dentro de sua dinâmica e linguagem, buscando cada vez mais uma abordagem autoral, independente e social.

Trazer para a reportagem uma narração diferenciada, um texto que interroge ou mesmo enquadramentos com raiz cinematográfica, não é comprometer sua essência, mas sim admitir que não existe uma única fórmula para informar dentro de uma reportagem. Atualmente possuímos as mais diversas ferramentas e plataformas para produzir, divulgar e consumir conteúdo jornalístico, ou de qualquer espécie. Observa-se um público que cada vez mais busca um conteúdo com personalidade e nessa procura, acabam diminuindo seu interesse pelas atrações mais tradicionais que muitas vezes insistem em formatos mais rígidos.

Assim, diante das mais diversas interrogações, surge o questionamento de qual poderia ser uma contribuição para a sociedade e bem como para o próprio curso de jornalismo.

2.1.3 Tema

A escolha do tema deu-se por acontecimentos de natureza pessoal, que influenciaram na escolha e lançaram possibilidades de enfrentamento, como ao ser convidado pelo meu irmão de quinze anos para assistir um curta que produziram em sua escola sobre transexualidade. Ele que sempre foi extremamente tímido, encenou, ajudou a escrever, dirigiu e editou. Sem os equipamentos adequados, sem experiência cênica ou haver editado qualquer audiovisual antes. Ao final, foi aplaudido. E o principal, fez-se entender, passando uma mensagem.

Outros dois curtas foram apresentados na ocasião, tais produções trabalhavam o tema da ditadura militar e depressão. Na sequência, números de dança também foram trazidos ao público de alunos, pais, professores, familiares e visitantes. Entre os gêneros de música que coreografaram, estava o *funk* e o *hip hop*, que nasceram como forma de

protesto e protagonismo político e cultural de comunidades marcadas pela desigualdade e o preconceito. Locais esses, de população majoritariamente negra.

Ao fim do evento, a reflexão sobre a importância daquelas discussões protagonizadas por jovens no meio escolar, notadamente ocorre a ausência dos ritmos locais que simbolizam a resistência negra e marcam a história do Nordeste. O próprio coco de roda, guarda inclusive semelhanças em sua batida de tambor com as batidas eletrônicas nos gêneros anteriormente citados.

A partir deste evento, senti a possibilidade de agregar para aquelas discussões a bagagem jornalística e teórica que a universidade me ofereceu durante os últimos anos. Mesmo diante das dificuldades e limitações da própria formação, busquei trabalhar neste projeto os instrumentos possibilitados pela academia, como também as capacidades e habilidades desenvolvidas fora dela. Apontando um novo olhar ao que hoje é produzido e nos pautando em uma abordagem mais intimista no lugar da *midiatização*¹. Termo esse, bastante comum nas discussões teóricas do campo jornalístico.

Diante das pesquisas e escolha do que discutiria no presente trabalho, surge um antigo desejo em conhecer um quilombo. Porém, para concretizar essa ideia eu teria um problema, a sua localização. A Cidade de Alagoa Grande, onde fica o quilombo de Caiana dos Crioulos, fica a cerca de 60 km do Campus da UEPB de Campina Grande. A dificuldade em conseguir um profissional e equipamentos pela instituição para colaborar com essa gravação seria ainda maior diante da distância.

¹ Para Koff (2003), a midiatização da cultura moderna implica na compreensão dos novos regimes da transmissão cultural, salientando as “guerras culturais”, ocorridas no campo da mídia, e mostrando a verdadeira ideologia do espetáculo presente atrás da televisão.

CONTATOS:
 (83) 99128 - 4205
 (83) 99986-0233
 (83) 99114 - 5143

VIVENCIANDO CAIANA

Os passaportes custam R\$ 15,00 e incluem trilha com condutor quilombola, água e apresentações culturais, ou R\$ 25,00 incluindo também um almoço.

SÁBADO 03/09/2016

Local: Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos Alagaa Grande -PB

Saída da Mangueira próxima a Escola Firmo Santino da Silva

Imagem 01 – Anúncio do evento “Vivenciando Caiana dos Crioulos”.

A reservada comunidade conhecida como Caiana dos Crioulos, estaria abrindo suas portas pela primeira vez para visitantes durante um evento itinerante, o “Caminhos do Frio – Rota Cultural” no dia 03 de setembro do ano corrente. Logo, a produção das imagens para a realização de uma reportagem especial, teria que ser necessariamente no dia em questão. Não existia outro. Era minha oportunidade e eu não poderia ficar refém das dificuldades.

Pesquisei com meu marido quanto a possibilidade de utilizar uma câmera fotográfica *Canon t3i*, como filmadora e quais acessórios seriam necessários para compensar suas possíveis limitações para uma produção do porte que eu estava planejando. A decisão estava tomada, e conseqüentemente o risco estava aceito, em sair tanto da área de conforto da instituição, como tentar caminhar com as próprias pernas.

2.1.4 Primeiros contatos

Entramos em contato por telefone com uma das organizadoras, *Nalva*, que assim como os outros moradores da comunidade quilombola de Caiana dos Crioulos, prefere ser chamada apenas pelo primeiro nome. Eles se consideram uma grande família, não sendo necessário, para eles, se identificarem por sobrenomes. Desejo respeitado também nas identificações ao longo da própria reportagem. Dividimos com ela nossos interesses com a visita, que se agradou da ideia e demonstrou entusiasmo com a iniciativa.

Nossa insegurança e falta de experiência era compatível com a comunidade, que até então não recebia outras pessoas. Não conseguimos obter detalhes sobre o evento, pois o mesmo ainda não estava claro nem mesmo para os organizadores. Não tínhamos dimensão do que nos esperava, e eles também não.

Em paralelo ao trabalho de produção, estudei bastante sobre a população negra em nosso país, tema que sempre fora meu principal alvo de estudo. Porém, eu precisava ir além dos livros, documentários, filmes e reportagens que eu já havia conhecido sobre o tema. Também precisava ouvir outras pessoas além daquelas que eu já havia conversado sobre o assunto.

A comunidade de Caiana dos Crioulos precisava ser compreendida como resultado histórico de uma trama mundial, mas não só nessa perspectiva. Buscávamos uma reflexão e uma linguagem aprofundada, logo era preciso ir além, pesquisar sua própria região e trazê-la para dialogar com os acontecimentos do Brasil e do mundo.

Traçar uma linha do tempo da resistência dos trabalhadores negros no Brejo Paraibano foi de grande dificuldade pela própria limitação de conteúdo sobre o assunto. Mas, era preciso compreender esse processo e utilizar seus próprios personagens, anônimos ou não. Partimos da história do cultivo da cana de açúcar na região para compreender a chegada dos escravos e posteriormente as relações de poder exercidas após o fim da escravidão. Nos deparamos com uma incrível história de resistência que traz nomes de conhecimento mundial como Margarida Maria Alves e Jackson do Pandeiro.

Desenvolver esse trabalho de pesquisa foi como encontrar peças de um quebra cabeça antigo espalhadas pela casa. Na medida que fomos buscando cada uma delas é que aos poucos observávamos como se encaixavam e o que estavam formando. Essa construção foi mantida no trabalho final, proporcionando ao público a possibilidade de embarcar lentamente em um processo histórico até chegar no quilombo de Caiana dos Crioulos. Oferecemos a possibilidade que o expectador refaça o caminho que trilhamos para que ao final tenha sua própria reflexão quanto ao que foi abordado.

Dedicar um espaço tão importante do produto para esta explanação é treinar quem assiste para um outro estilo de linguagem, onde se faz necessário prestar atenção em cada elemento, imagem e som que segue. Cada um deles foi pensando para ter voz própria dentro da reportagem e é justamente a união deles que permite sua compreensão.

A palavra “resistência”, norteou a produção do roteiro, nos fazendo buscar referências que remetessem a essa temática. Planejamos trazer para o trabalho imagens que trouxessem em si esse significado. Outro ponto importante a ser decidido, foi em qual perspectiva trabalharíamos o quilombo de Caiana dos Crioulos. Pensamos na temática como um todo e chegamos à conclusão que o passo da comunidade abrir suas fronteiras após uma história de reclusão, era o momento presente que buscávamos para traçar um paralelo atual da trajetória que iniciamos com a chegada dos negros na região, séculos atrás, e lançar uma visão de futuro sobre essa questão a partir dos sonhos de seus moradores. Para isto, precisávamos responder perguntas como “Por que ela está abrindo suas portas nesse momento? ”, “O que esperavam com este evento? ” E “Como se sentiam em perceber o interesse de tantas pessoas pelas histórias abrigadas na cultura de Caiana dos Crioulos? ”

Iniciamos os testes com o equipamento e percebemos que a captação do áudio pela própria câmera seria um grande problema. Buscamos microfones que pudessem oferecer uma maior qualidade, porém, não encontramos nenhum que tivesse entrada direta, optamos então em adaptar o cabo para que pudesse ser compatível. Fomos até uma loja especializada em eletrônicos, compramos o microfone modelo *Shure sv100* e lá mesmo eles adaptaram para nosso equipamento. Em seguida, adquirimos uma espuma

que diminuísse os possíveis ruídos de uma gravação em ambiente aberto, já que pela localização entre serras, provavelmente teria incidência de ventos fortes.

Além da câmera, microfone e seus acessórios, preparamos alguns pequenos equipamentos de luz, lentes, tripés, baterias extras, flashes e rebatedores. Para nos auxiliar no carregamento e manipulação desses e outros itens de trabalho, convidamos parentes e amigos. Todos, sem nenhuma experiência em qualquer produto audiovisual, mas com o desejo em colaborar como pudessem.

Recebemos da comunidade a programação do evento em Caiana dos Crioulos, e nos preparamos de acordo com suas dinâmicas, porém tínhamos ciência de que a programação poderia não ser realizada como descrito. A criação deste roteiro configurava-se mais como uma exigência burocrática do próprio projeto Caminhos do Frio – Rota Cultural do que realmente uma preocupação da comunidade. O que não nos era um problema, afinal, optamos por abrir mão do controle dos eventos no momento em que decidimos sair de nossa área de conforto. E como descrito nos próprios objetivos, estávamos dispostos a documentar a realidade do lugar da forma como ela se apresentasse por seus moradores e a partir daí realizar o recorte que nossa intuição e sensibilidade humana e jornalística nos encaminhasse. O que acabou sendo uma boa escolha na medida em que as situações de fato se mostraram bem diferentes do roteiro programado.

ALAGOA GRANDE De 29/08 a 04/09
Rota Cultura Jackson do Pandeiro




Imagem: Marcelo Frazão

PROGRAMAÇÃO: Informações: (83) 9 9187.0402

Dia	Hora	Evento	Local
29 de Agosto (segunda-feira)	19h00	ABERTURA OFICIAL	Teatro Santa Ignêz
	19h30	Espectáculo: Novas GT de Artes (Resultado de Oficina)	Teatro Santa Ignêz
	08h00	Mostra Estudantil de Teatro	Teatro Santa Ignêz
30 de Agosto (terça-feira)	09h00	Mostra Estudantil de Teatro	Teatro Santa Ignêz
	14h00	Uma Causos de um Andarinho. Direção de Tiago Salvador. Cia. Fascinat. Solânea)	Teatro Santa Ignêz
	20h10	Cia. Paó - Espetáculo O Louco e a Mente	Teatro Santa Ignêz
31 de Agosto (quarta-feira)	08h00	Mostra Estudantil de Teatro	Teatro Santa Ignêz
	09h00	Mostra Estudantil de Teatro	Teatro Santa Ignêz
	14h00	O Santo e a Porca (Cia. EJC Alagoa Grande)	Teatro Santa Ignêz
	15h00	Mostra Estudantil de Teatro	Teatro Santa Ignêz
	19h00	Oficina de Dança Contemporânea	Prédio do Pro-jovem
	19h00	Cia. Corpos Espetáculo de Dança	Teatro Santa Ignêz
	19h30	Cia. Mangai Espetáculo Paço de Fogo	Teatro Santa Ignêz
01 de Setembro (quinta-feira)	08h00	Mostra Estudantil de Teatro	Teatro Santa Ignêz
	09h00	Mostra Estudantil de Teatro	Teatro Santa Ignêz
	19h00	Oficina de Dança Contemporânea	Prédio do Pro-jovem
	19h30	Cia. de Solo Afro (Dioceilo Nascimento)	Teatro Santa Ignêz
	21h00	Cia. Abalar Espetáculo Pauco de Bato	Teatro Santa Ignêz
02 de Setembro (sexta-feira)	21h00	Pizzaria Paladar Encontro de Artistas (Voz e Violão)	Em frente a Praça do Coreto
	09h30	Mostra de Cinema. Sessão: As Escuras (Alan Marcos)	Memorial Jackson do Pandeiro
	13h30	Oficina Corpo e Memória (Facilitador Rafael Ângelo)	Memorial Jackson do Pandeiro
	15h00	Cinco Curtas Parabanas (Cala Bocate Etelvina)	Memorial Jackson do Pandeiro
	19h30	Trupe EAê 16 Anos: Dobradinha Espetáculo A Volta das Princesas Dando Close na Praça	Teatro Santa Ignêz
03 de Setembro (sábado)	19h30	Trupe EAê Cantigas de Jackson na Terra Onde Sapo não Canta	Largo do Teatro Santa Ignêz
	22h00	- Banda Corte da Lagoa - Alagoa Grande - Banda Som do Porto - Campina Grande (Oferecimento Café Expresso 714)	Largo do Teatro Santa Ignêz
	06h00	Vivenciando Caiana - Saída de ônibus para Caiana dos Crioulos com programação Por uma Manhã Que Inclua; - Trilha para o Reinado Encantado e Mandala; - Contação de histórias; Banda de Pifano; - Dança com Grupo Cor da Terra, - Artesanato Local; - Oficina de Trança e Turbante; - Visitação ao Museu Quilombola, Casa De Farinha, Almoço e uma grande ciranda.	- Saída do Estacionamento da Prefeitura pontualmente 06h00. - Maiores informações para compra de pacotes no fone: 9 9337.1842 Nádia Brito. - Interessados em dormir no Local temos Pousadas fone: 9 9963.1008 Cida de Caiana
04 de Setembro (domingo)	09h00-17h00	Oficina Corpo e Memória - Facilitador: Rafael Ângelo (Intervalo para Almoço)	Memorial Jackson do Pandeiro
	11h00	Forró Pé de Serra, Gastronomia e Cachaça	Engenho Lagoa Verde (Cachaça Volúpia)
	19h00	Lançamento da Publicação Alagoa Grande em Revista Anô! Ed 1-2016	
	21h30	- Banda Pirueta em Roda de Samba - Banda Forró do Auge (Tributo a Jackson do Pandeiro) - Banda Interfônica	Largo do Teatro Santa Ignêz
04 de Setembro (domingo)	06h00	Eco Pedal Caminhos do Frio: Trilhas e Riachos	Saída do Coreto Central Fone: 9 9102.8778
	08h00	Concentração da Cavalgada. Contato: 9 9928.0792	Ginásio Bodão
	09h30	Café da Manhã e saída da Cavalgada	Ginásio Bodão
	12h30	Retorno da Cavalgada com feijada e forró pé de serra	Ginásio Bodão
	15h00	Festival de Dança com premiação	Teatro Santa Ignêz
09h00-15h00	Workshop Teatro e sua história: Reflexões e práticas do trabalho do ator sobre diferentes estéticas. Realização: Trupe EAê de Teatro. Facilitador Leandro Gonçalves.	Teatro Santa Ignêz	

Imagem 02 – Programação da Rota Cultural “Caminhos do Frio” em destaque a atração de Caiana dos Crioulos.

Tentamos uma visitação prévia para a comunidade, porém ela não se mostrou possível. Acordamos então com a orientadora que traríamos para o repórter a função de transmitir ao público a sua experiência no local, técnica essa, bastante utilizada por nomes consagrados como Glória Maria, com importante passagem no Fantástico e

atualmente no Globo Repórter, e também jovens jornalistas como Nadia Bochi, que despontou ao grande público no Profissão Repórter e hoje é a responsável pelo conteúdo jornalístico dentro do programa “Mais Você”.

Conversamos sobre o tom do produto, que seria intimista, sempre buscando uma captura de imagens em plano aberto e na sequência ir adentrando naquele ambiente de forma lenta e gradual. Metaforicamente, traríamos isso também para as histórias que contaríamos, partindo do superficial, para o histórico e social, e terminando com uma proposta de reflexão. Tal proposta indicou diversas escolhas no decorrer do trabalho.

Nos dias anteriores da viagem, nós nos preparamos teoricamente e assistimos outras produções que abordavam a história dos quilombos e seus moradores. Também buscamos referências de produções que tratavam da questão do preconceito racial, posse de terra, cultura de matriz afro-brasileira, crenças e lendas, perfis, programas de entrevistas e reportagens especiais com temas gerais que poderiam nos apresentar características que saíssem dos estereótipos que não gostaríamos de seguir.

Na sexta-feira (02/09), viajamos para Alagoa Grande (PB) e lá nos preparamos durante todo o dia para o trabalho que aconteceria na manhã seguinte. Nos informamos quanto as localizações e horários das locações que faríamos na cidade, assim como buscamos os contatos de taxistas que nos dariam suporte quanto ao transporte de pessoal e equipamentos, já que o lugar onde nos hospedamos ficava bastante longe do centro da cidade e do próprio ponto de partida para Caiana dos Crioulos.

2.2 Produção

2.2.1 Saída para Caiana dos Crioulos (03/09)

Dormimos por voltas das duas horas da manhã e acordamos aproximadamente três horas depois. Os equipamentos já estavam organizados, então solicitamos o táxi que combinamos no dia anterior e partimos para o local combinado, em frente a Prefeitura Municipal, no centro da cidade. Quando chegamos no local, apenas outras três pessoas estavam presentes. Conversamos com elas e explicamos que estávamos produzindo um material audiovisual para conclusão de curso e divulgação na internet. Perguntamos se

teriam algum problema em serem filmados e estas não se importaram. O que nos daria maior liberdade, principalmente em planos abertos e na própria aproximação em criar diálogos com essas pessoas.

Na hora marcada, de 6h00 da manhã, nenhuma pessoa da organização tinha chegado, assim como mais nenhum visitante ao local. Momento esse que causou certa tensão. Às 8h00, quando chegou a organizadora, entramos em uma van e partimos para Caiana dos Crioulos. Devido ao atraso, o planejamento inicial já estava alterado, para mim, e também para a própria Comunidade.

2.2.2 Rumo ao Quilombo

Durante a ida para a comunidade, surgiram diversos assuntos com *Nalva*, o motorista e um apoiador do evento que viajava conosco. A burocracia e falta de atenção política para o quilombo, foi um dos temas abordados no caminho. A ausência de uma maior assistência os deixavam inseguros, mas, ao mesmo tempo, era visível o orgulho que sentiam em ainda assim estarem conseguindo executar aquilo que planejaram. Mesmo com as dificuldades, era impossível não se identificar ou não se colocar nessa mesma estrada diante do quanto desafiador também era aquele momento para nós enquanto produção de um material jornalístico, bem como a responsabilidade que tínhamos com a universidade que representamos e as pessoas que direta ou indiretamente se envolveram nesse processo.

Naturalmente, outras pessoas foram se sentindo à vontade para perguntar e trazer suas próprias experiências para o que era relatado. Foi um dos melhores momentos dessa visita, mas não cabia ser registrado pela câmera. Ser jornalista também é um exercício de sensibilidade em saber o momento certo para cada ação. Era um momento para ouvir e observar, criar uma conversa prévia e informal que seria importante na construção do texto da reportagem. E de fato, acabou sendo.

Conversamos ainda sobre questões legais de terra, e fomos melhor informados sobre os passos que daríamos ao longo do dia. Gravamos pequenos trechos da viagem pela perspectiva de quem admira pelo vidro a paisagem em sua volta. O balanço da estrada vinha acompanhado do depoimento do motorista que “agora está ótimo o

caminho, ruim era antes”. Tentamos imaginar, mas só conseguimos compreender melhor quase ao final do evento.

Na entrada de Caiana dos Crioulos, ainda um pouco distante de sua área residencial, pedimos uma breve parada da van para que fizéssemos nossa primeira passagem na comunidade. Nosso pedido foi gentilmente atendido e compreendido por todos que ali estavam. Realizamos uma tomada de cena onde a câmera percorre a estrada, passa pelo repórter e segue o caminho indicado pela placa.

O vento forte foi um grande problema, assim como a falta de um instrumento de monitoramento do áudio em tempo real, que apesar de termos buscado na cidade, não encontramos. Pela internet, os prazos eram demasiadamente longos, e ainda assim, não teríamos a garantia que fossem funcionar com a nossa câmera. Para sua construção visual, utilizamos o *plano médio* (Cf. MASCELLI (2010) e RODRIGUES, 2002), um enquadramento tradicional dentro do jornalismo, que contempla o personagem da cintura para cima. Tentamos então, gravar o mais rápido possível, para não atrasar ainda mais o planejamento da comunidade, e seguimos viagem.

Poucos minutos depois, chegamos ao museu da comunidade, onde conversamos com *Nalda*, uma apoiadora da comunidade. Também conhecemos *Finha*, uma quilombola bastante sorridente e ao mesmo tempo tímida. Para que ela ficasse mais confortável com a entrevista, utilizamos o *Plano Americano* (Cf. *Op. Cit*), colocando as duas entrevistadas no mesmo enquadramento e focalizadas da altura do joelho para cima. Tivemos bastante dificuldade em conseguir entrevistar *Finha*, mas foi em seus passos ao nos mostrar como se dança côco de roda, que ela nos mostrou que não se faziam necessárias palavras para aquele momento. Logo após, fomos então rapidamente apresentados aos itens expostos no local.

Somos chamados para seguir até o centro do quilombo, onde reside a maior parte de seus moradores e se estabeleceram os serviços de atendimento. No local, observamos aquela que foi uma de nossas maiores surpresas, e para a comunidade também. Estavam ali dezenas de turistas das mais diversas regiões do mundo. Eles chegaram em seus próprios transportes e surpreenderam a própria Caiana dos Crioulos que não só não os esperava, como não tinha se organizado para receber outras pessoas.



Imagem 03 – Moradoras do quilombo posando para jornalistas e visitantes.

Temos então um rápido momento para que eles possam pagar os passaportes para o passeio. Seguimos, agora a pé, para a trilha do “Reino do Encantado”. Em seu percurso, produzimos algumas imagens buscando retratar um pouco da caminhada para utilizar na edição final. Além do intuito de cobrir textos que poderiam solicitar imagetivamente uma imersão simbólica, como o movimento do vento nas folhas e tudo aquilo que remetesse misticismo enquanto atributo daquela natureza que se apresentava. Nos utilizamos de algumas *Panorâmicas (Idem, ibidem)*, um movimento de câmara que gira sobre o seu próprio eixo horizontalmente ou verticalmente e também de alguns *Travelling (Idem, ibidem)* onde deslocamos a câmara pelo percurso que buscamos registrar. No nosso caso, com ela na mão, sem auxílio do tripé.

Nesse momento, percebemos um grave problema com a conexão do nosso microfone. O pino de seu cabo que foi adaptado para nossa câmara quebrou, e qualquer movimento mais brusco, o fazia desencaixar do equipamento. Dessa forma, estávamos impossibilitados tecnicamente de algumas passagens e enquadramento que tínhamos planejado anteriormente. De qualquer forma, seguimos nossa caminhada.

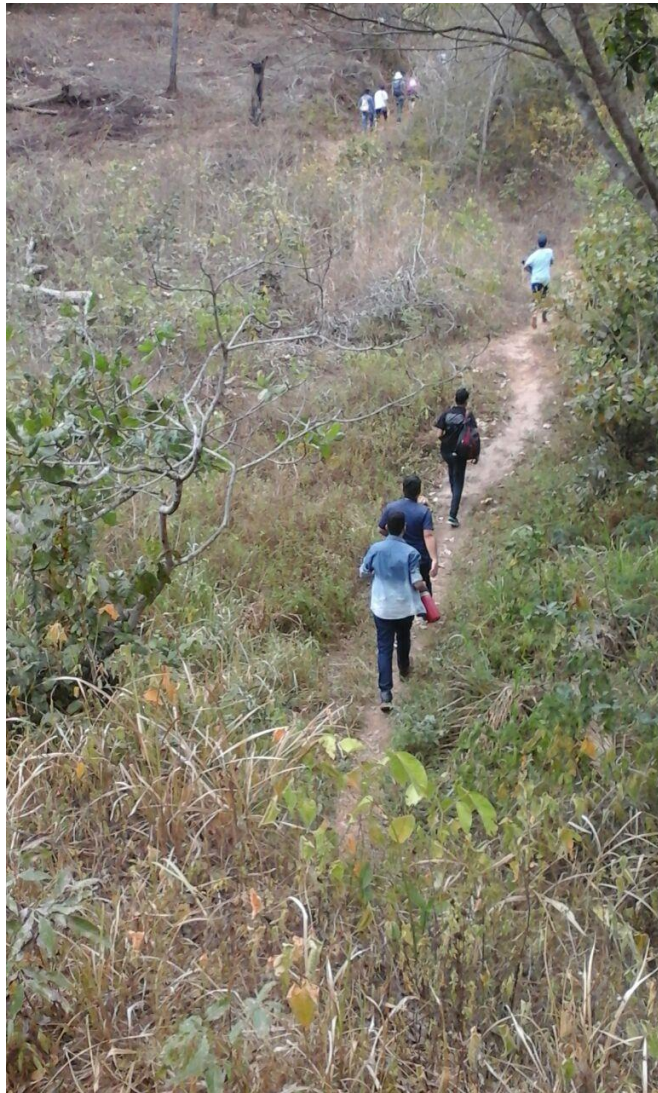


Imagem 04 – Caminhada durante a trilha para o “Reinado Encantado”.

Em um trajeto de pouco mais de duas horas, percorremos estradas e ladeiras em meio a um sol forte de fim de manhã e início de tarde. Ao chegar nas pedras que guardam as misteriosas inscrições, entrevistando “*Cida da Caiana*”, como ela prefere ser chamada. Cida é uma das lideranças do local e foi quem nos contou a história do lugar. Nessas imagens utilizamos o *Primeiro Plano* (*Idem, ibidem*), técnica na qual se destaca o rosto do personagem, gerando visualmente maior intimidade e expressão. Também utilizamos alguns *Plano Detalhe* (*Idem, ibidem*), focalizando itens como brincos, roupas e cabelo, com o objetivo de apresentar nela a própria interação de épocas e culturas.



Imagem 05 – Entrevista com *Cida da Caiana*.

Na construção das imagens, posicionamos a câmera em subjetiva, tomando o lugar de um dos participantes da trilha, que presenciava a conversa entre o repórter e a entrevistada. Ao observar mais detalhadamente as inscrições, a câmera percorre a linha que orienta os grafismos na pedra, no sentido de leitura ocidental (da esquerda para a direita), na tentativa de ler a mensagem. A mesma estratégia foi utilizada no Museu de Jackson do Pandeiro, ao ler a letra da música escrita na parede.



Imagem 06 – Registrando as inscrições na pedra. Supostamente grafismos rupestres.

Na volta da trilha, um detalhe em meio ao chão de terra nos chamou atenção. Enquanto as outras pessoas seguiam seus caminhos de retorno, paramos um pouco para que pudéssemos registrar uma delicada e aparentemente frágil flor que brotava entre pedras. Era a beleza que nascia da resistência daquele lugar.



Imagem 07 – Retorno da trilha, registrando uma flor na margem do caminho.

Retornamos a comunidade e fomos convidados para almoçar. Na sequência, iniciaram-se as apresentações culturais dos moradores de Caiana dos Crioulos, apesar de sua beleza, queríamos capturar as moradoras em outra estrutura discursiva que não fosse apenas uma abordagem folclórica, já costumeiramente reproduzida nas reportagens que abordam a temática. Enquanto os olhos de todos, visitantes e moradores, estavam concentrados nas apresentações, precisávamos dar um passo para traz e tentar perceber onde a maioria não estava reparando.

Notamos na parte de trás de onde ocorria o evento, e ao abrigo do sol, uma pequena casa com algumas crianças brincando sem se importar com o que ocorria em volta. Nos aproximamos e sugerimos para Nalva, que ali poderíamos conversar mais à vontade. Ela relutou durante várias oportunidades anteriores a responder nossas perguntas diante de uma câmera. Mais do que timidez, ela tinha o medo em ser vista como uma liderança do local, rótulo esse que ela fez questão de negar em todos os momentos.

O Quilombo de Caiana dos Crioulos passou recentemente por um momento bastante delicado em sua própria história, onde sua população dividiu-se em função de

questões de reconhecimento para grupos específicos dentro do quilombo, e hoje eles tentam se unir. Tal fato justifica o receio de Nalva em oferecer uma entrevista. Porém, mesmo assim, ela acabou aceitando fazer parte do nosso projeto e nos dirigimos até a entrada daquela pequena casa. Conversamos antes de gravar e aproveitamos para ir captando as imagens do nosso diálogo.

A câmera percorre a extensão interna do telhado, vislumbra a luz por entre as frestas e enquadra timidamente a entrevistada semiabrigada naquela varanda, gesticulando de forma contundente. A casa está de portas fechadas o tempo todo. Apesar do relato aberto da entrevistada, o ato de receber visitantes em uma comunidade que até bem pouco tempo guardava resistências quanto ao olhar especulativo, possivelmente carrega marcas recentes de cismas internas entre grupos, no tocante a exploração de manifestações culturais.

Ligamos o microfone, e dentro das estratégias de entrevista, optamos pelo *ping-pong*, perguntas curtas e diretas que permitissem o entrevistado explorar com maior liberdade aquela interrogação. Nessas imagens, também utilizamos o *primeiro plano* alternado com *plano detalhe*. Nosso objetivo era lançar um panorama recente do que hoje é ser um quilombola, e dentro dessa nomenclatura trazer questões de gênero, raça e desigualdade. Para concluir, em uma abordagem mais uma vez atual, discutir o próprio papel da educação dentro desse âmbito social e onde ela se omite ou gera esperança. Um debate que traz nossa história para contornos ainda mais amplos e mostra que um quilombo é um retrato vivo de resistência, e que não é possível analisá-lo apenas por registros históricos.

Encerramos nossa entrevista e voltamos a conduzir diretamente a produção das imagens durante as apresentações. Antes disso, ainda deslocamos o enquadramento, num movimento bastante arriscado, pois poderia comprometer o retorno do enquadramento da entrevistada, ao colocar em cena, um grupo de crianças, que coadunavam a prospecção do discurso da personagem, sobre a educação dessa geração e o futuro da comunidade.

A Casa de Farinha estava fechada aos visitantes, mesmo assim, pedimos para entrar. Mais uma vez fomos gentilmente atendidos. Lá dentro, focamos em produções subjetivas de imagens, inicialmente, registramos no ângulo *vista de verme* (Cf.

MASCELLI (2010) e RODRIGUES, 2002, *idem*), paralelo aos pés dos visitantes, a abertura da casa de farinha, feita pelos próprios moradores. Ao adentrar, observamos que havia uma peneira grossa, tivemos a ideia de construir um aparato onde a luz passa pelos buracos da chapa de aço, deixando ver a silhueta desfocada das crianças desconfiadas.

No fim de tarde nos despedimos da comunidade, e voltamos para a zona urbana da cidade no mesmo transporte que nos levou. Ao chegar em nossa hospedagem, transferimos os arquivos do cartão de memória para o computador, jantamos e descansamos para que, no dia seguinte, pudéssemos fazer as tomadas de cenas nos museus e na cidade.

2.2.3 Produção das imagens complementares na zona urbana de Alagoa Grande – PB (04/09)

2.2.3.1 Praça municipal

Pela manhã, revisamos o conteúdo produzido no dia anterior e alinhamos os objetivos para o que faltava ser produzido. Nosso primeiro ponto foi o centro da cidade, iniciando pela Igreja da cidade, estrutura simbólica que traça um parâmetro histórico interessante quanto a trajetória da comunidade negra na região e no mundo.

A forma como o Cristianismo dominou e repreendeu as populações de matriz africana ao longo dos séculos, sufocando suas representações culturais e religiosas.



Imagem 08 – Igreja Matriz de Nossa Senhora da Boa Viagem na Praça Principal de Alagoa Grande – PB.

Nos utilizamos do plano em *contra-plongée* (*Idem, ibidem*), onde a câmera é posicionada abaixo do objeto filmado, fazendo com que o espectador veja a cena de baixo para cima. Essa estratégia busca visualmente atribuir poder a um elemento. Em seu movimento, trouxemos a imagem de cima para baixo, para introduzir nossa história simbolicamente que parte da opressão das forças constituídas a luta e libertação daqueles que olhavam de baixo as imposições de toda uma época.

Nas suas proximidades, registramos a sua praça municipal em uma panorâmica, onde a câmara, sem se deslocar, girava sobre seu próprio eixo, horizontalmente. Ela percorrendo o caminho da frente da igreja até chegar no início de uma roda gigante, em uma referência a música “Roda Vida” de Chico Buarque, que traz uma metáfora sobre a luta de classes e o desejo pela liberdade.

2.2.3.2 Memorial Jackson do Pandeiro

Ao chegar no local uma senhora nos atendeu, explicamos nosso trabalho, e ela nos deixou à vontade para gravar. Buscamos qual das lentes que tínhamos à disposição e optamos para as tomadas internas a lente Canon 50mm, dadas as suas possibilidades de maiores aberturas e compensação de luz. Optamos por realizar imagens que

retratassem a imponência da fachada e a contemplação / admiração no nível escrito da letra da música “Cantiga do Sapo”, até então ouvida, entrelaçando assim a leitura e escuta da lenda do “Reinado Encantado” pelos seus grafismos. Buscamos trazer movimento para as imagens, com a câmera percorrendo por entre letras de suas músicas, reforçando o conceito de ritmo, marca que o consagrou em todo o mundo.

Nos despedimos e partimos para nossa próxima locação antes que perdêssemos a luz do sol que era extremamente necessária para nossas gravações pela nossa limitação com equipamentos de luz.

2.2.3.3 Casa de Margarida Maria Alves

Quando chegamos, o local para nossa surpresa, estava fechado. Anteriormente entramos em contato com a prefeitura da cidade e nos informaram que ela estaria aberta durante a manhã e todo o período da tarde. Desta forma, iniciamos as gravações da entrada do lugar. Pouco tempo depois, um homem vem até nós questionando se gostaríamos de entrar. Afirmamos positivamente e ele procurou a funcionária do local que teria fechado o museu algumas horas antes do fim do seu expediente. Rapidamente ela chegou e tivemos nossa entrada permitida.



Imagem 09 – Casa de Margarida Maria Alves – Livro de Assinatura.

Buscamos reconstituir imagetivamente a cena de seu assassinato, além de trazer seus instrumentos de trabalho como elementos históricos e a repercussão de sua morte em jornais e cartas como símbolo da resistência que supera a própria vida do personagem e se propaga por outras pessoas e discursos.

2.2.3.4 Últimas gravações

Concluimos nosso trabalho e caminhamos por entre a cidade para observar o pôr do sol antes de voltar para Campina Grande. Foi impossível não registrar. E com a bateria quase descarregando, ainda conseguimos captar o fim de tarde enquanto a luz do dia se despedia e pássaros voavam dando movimento para aquela tela que parecia uma aquarela. Tratam-se de imagens atemporais e capazes de serem contempladas sem referências urbanas ou rurais.

Quando a noite chegou, nos despedimos da cidade e retornamos para a cidade de Campina Grande, onde se inicia nos dias seguintes, o processo de edição.

2.3 Pós-produção (Edição e Publicação)

2.3.1 Conceito

O processo de edição levou 28 dias para ser concluído em um processo completamente experimental. A escolha por editar o conteúdo e não entregar a um profissional da área partiu do desejo de um trabalho autoral, exercitando a condução em conseguirmos trabalhar com o conteúdo que tínhamos produzido. Foi utilizado o editor de vídeo *Camtasia Studio 8*, que oferece bons recursos para usuários iniciantes e intermediários.

Os dias seguintes foram bastante desafiadores, partindo das questões técnicas, e até mesmo pelas discussões conceituais sobre a reportagem especial. Optamos por um texto que remete ao de crônicas, algo comum em matérias clássicas como as de Pedro Bial e Marília Gabriela, e também em novos nomes, como Pedro Bassan e Phelipe Siani no “Jornal Nacional”. Sem contar os jornalísticos que não são diários e compostos apenas de reportagens mais profundas, que além dos citados anteriormente, destaco “Morte e Vida Severina, 60 anos depois” produzida por Gerson Camarotti para a Globo News.

Para a produção desse conteúdo, ele refez o caminho narrado pelo personagem “Severino” do poema de João Cabral de Melo. Para isso, ele percorreu mais de 1,4 mil km pelo estado de Pernambuco, com entrevistas, dados e um texto que em vários trechos se utilizava da própria poesia, adotando um tom diferenciado em sua narração. Além disso, ainda abrindo espaço para versos e crônicas. Tudo sem perder o caráter jornalístico ao apresentar seus atuais e reais personagens.

2.3.2 Imagens e Sons

Dando continuidade ao nosso próprio produto, buscamos mais do que preencher um roteiro com imagens, falas e músicas. Como imaginamos no início dessa produção, cada elemento teria seu próprio destaque dentro do trabalho e dialogariam no objetivo final de sua construção. As músicas utilizadas foram pensadas pela letra que abrigavam, o ritmo que representavam e ainda os sentidos que carregavam dentro de própria história.

A trilha sonora deste trabalho não serve simplesmente na condição de “fundo musical”, mas alterna-se com a voz do jornalista e entrevistados, cedendo um espaço para que elas também ajudem a contar essa história. Conceitualmente, é como se nós convidássemos esses compositores e intérpretes, todos bastante autorais em suas obras, para que outras frequências pudessem se expressar, assim como “Finha”, que respondeu nossas perguntas com *um plano detalhe* de seus pés, nos encantando com seus passos.

A cena de entrada na Casa de Margarida também ilustra esse conceito. A sua construção foi bastante planejada e dialogada durante o processo de edição, com a trilha sonora “*Canção pra Margarida*” de Zé Vicente, interpretada por Socorro Lira. Nela se entrelaça o fato histórico, a captura da imagem através da lente que ao contrário do projétil que espalhou partes do corpo de Margarida, busca recolher para dentro da câmera, fragmentos imateriais de sua alma e de sua história, em um relato próximo da linguagem do cordel.

Em um jogo de imagens e sons que remete a construção rítmica de um repente, conduzimos o expectador por entre passagens que trazem sempre três elementos, o histórico, o social e o humano. Em sua reta final, a reportagem diminui seu ritmo justamente em um contraponto a festa que se iniciava. Na última entrevista, mais longa e densa, somos apresentados a uma realidade ainda presente em nossa sociedade, a face do preconceito. Encerramos com um tom em camadas entre a melancolia e alegria, trazendo na capoeira das crianças, o misto de luta e arte com o qual fomos brindados.

Almejando que o sentimento final do público seja de reflexão, optamos em trazer em seus últimos segundos, o silêncio, o mesmo com o qual iniciamos a reportagem, para que agora eu possa ceder nossa voz não para recursos de edição, mas para o próprio expectador. Um momento em que ele possa então, ouvir suas próprias interrogações e conclusões diante do que foi acompanhado.

2.3.3 Identidade Visual

O processo de construção da identidade visual, assim como outras etapas do trabalho, se apresentou bastante desafiador. O principal deles foi o pouco tempo de execução de todas essas etapas simultâneas. Partimos da experiência imersiva na comunidade como possibilidade de inspiração, na busca referências de cores e elementos visuais.

Para a construção da identidade visual dos elementos gráficos, partimos prioritariamente do exercício de percepção visual das cores e das formas. Nesse sentido, muito nos auxiliou o aplicativo *Adobe Capture for iPad*. A partir dele foi possível reconhecer a gama de cores e elementos que deram base na criação de *patterns* (padrões) e formas, tendo como base duas fotografias produzidas no local.

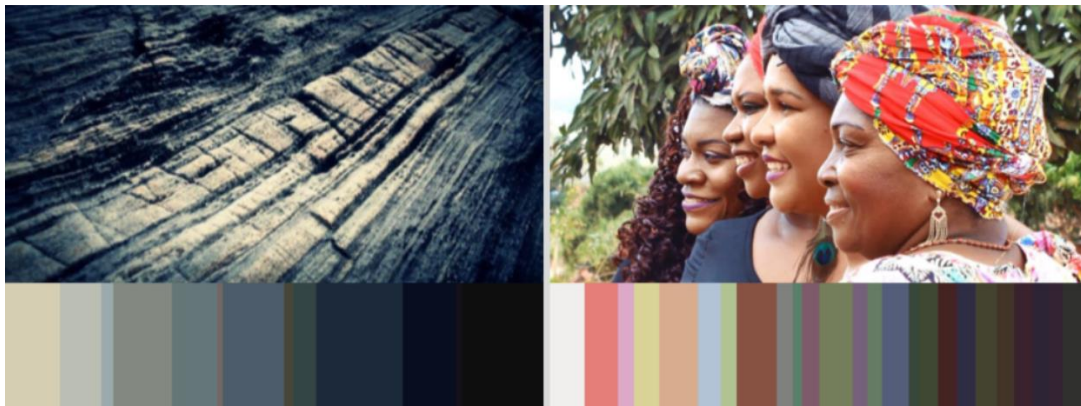


Imagem 10 - Gama de cores utilizada na identidade visual e as imagens que serviram de base para a logomarca. Fonte: *Adobe Capture for iPad*

Algumas referências de outros elementos gráficos vieram diretamente da fotografia dos turbantes coloridos que serviram para a criação dos padrões (*patterns*) que foram usados na fase seguinte de construção do logo do projeto.



Imagem 11 – Captura das formas em alta resolução para uso em softwares gráficos. Fonte: *Adobe Capture for iPad*

A opção foi feita pelo uso da forma dos rostos e expressões da fotografia, ora transformada em objeto escalonável no Corel Draw X7, software de produção gráfica, que deu base para a construção dos elementos visuais (logo, transições e gerador de caracteres). Outra opção utilizada foi a de transformar os grafismos da pedra e o visual da placa de entrada do quilombo em objetos e fontes. Tal processo é descrito a seguir.

2.3.3.1 Logo

Para a construção do logo, optamos pelo uso de fontes que geram movimentos assimétricos, com a possibilidade de uso de algum preenchimento. Para tanto utilizamos como base a fonte *Xilosa*, preenchida com o padrão capturado através do *Adobe Capture*, como uma chita desenhada a partir dos turbantes das personagens na fotografia icônica utilizada.



Imagem 12 – *Pattern* (padrão) utilizado no preenchimento da fonte.

Fonte: *Adobe Capture for iPad*

Agregamos outro elemento gráfico importante, que é a placa que recebe os visitantes e indica o caminho da comunidade quilombola. Acrescentamos mais dois elementos (a margarida e o pandeiro), um como adereço que adorna o caminho da comunidade, sendo metaforicamente a própria trajetória da população negra, oprimida pelas relações de trabalho e assujeitamento, cujo episódio da morte-vida de Margarida, pôde enfim disseminar a semente da liberdade por diversos lugares, inclusive no próprio quilombo. Hoje, esse povo é retratado ascendendo ao palco, ilustrado pelo pandeiro dourado, servindo de suporte às personagens registradas em um momento de visibilidade.



Imagem 13 – Aspecto final do logo da reportagem. Fonte: Corel DrawX7

2.3.3.2 Gerador de Caracteres (GC)

Para a construção do gerador de caracteres, partimos mais uma vez do uso de três softwares gráficos (Adobe Capture e o Autodesk SketchBook Express, ambos para iPad) e o desafio de ilustrar em perspectiva no Corel Draw X7, uma vez que a fotografia que servia de captura da forma, os grafismos apareciam na diagonal. Foi necessário um estudo meticoloso do distanciamento e da deformação da perspectiva para chegar ao resultado de grafismos escalonáveis em um plano.



Imagem 14 – Elemento gráfico inspirado nas inscrições entalhadas na pedra do “Reino do Encantado”.

Fonte: Corel DrawX7

Partimos finalmente para a construção do gerador de caracteres (GC), utilizando em uma extremidade o ícone formado pelo pandeiro que comporta a imagem das quilombolas e na outra extremidade, os grafismos, amparados por linhas paralelas e um corte diagonal, demarcado por uma forma transparente, que ultrapassa levemente os limites da linha e invade a imagem no vídeo.

Quanto a gama de cores utilizada, adotamos variações de tons que remetessem ao marrom, dourado, bege, cinza e branco, em consonância com a identidade visual do logo. Foi criada ainda uma variação deste gerador de caracteres, que comporta os indicativos técnicos de imagem, edição, produção e reportagem.



Imagem 15 – Aspecto final do gerador de caracteres. Fonte: Corel DrawX7

2.3.4 Perspectivas de contribuições para a comunidade

Em um diálogo com a comunidade de Caiana dos Crioulos, confirmamos a decepção de seus moradores com os profissionais que lá foram, produziram seus materiais e nunca mais retornaram. Nessa perspectiva, acordamos que se fazia necessário trazer para eles aquilo que fosse produzido, quanto instrumento de divulgação do quilombo e até mesmo na jornada de auto reconhecimento por parte de sua população.

A pedido da comunidade, fomos convidados para voltar no dia da consciência negra, em 20 de novembro. Data em que lançaremos a nossa reportagem para seus moradores e também para o público em geral por meio da internet.

Mas além disso, notamos que a comunidade precisava de uma melhor gestão em sua divulgação para que conseguisse ter maior domínio de público em seus eventos. O potencial do lugar estava nítido e com a criação de um site informativo sobre sua história, cultura e roteiros eles poderiam alcançar um número ainda maior de pessoas sem precisar depender de suportes políticos que estão alinhavados sempre com interesses individuais.

O site será um presente para o lugar, e será lançado no mesmo dia da reportagem. Essa é inclusive, uma forma de não permitir que o conteúdo produzido, entre textos, vídeos e fotos se perca na quantidade significativa de conteúdo existente na internet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar da trajetória da população negra em uma localidade é sempre um desafio, principalmente quando o que se tem dela, são ecos e rastros recentes, marcados pela resistência, cujo protagonismo ainda é receoso e tímido. É nesse sentido fundamental que o fazer jornalístico articula história, costumes, tradições, sem evidentemente termos tido condições de cumprir essa empreitada, mas isso sempre foi algo que almejamos.

Quando assistimos a reportagem finalizada, apesar de alguns detalhes que não saíram como gostaríamos, nos sentimos orgulhosos. Produzir esse conteúdo foi uma experiência muito rica e desafiadora para nós, seja profissionalmente ou enquanto cidadãos responsáveis por lançar debates que auxiliem em uma reflexão social.

Trazer para a prática a bagagem adquirida pela graduação e dialogar com pessoas que ainda estão em um processo intimista de autoconhecimento quanto a importância da própria história que carregam. Colaborar com isso é muito gratificante. Assim como tratar de temas que a sociedade pede por uma maior explanação, como ocorre com questões de gênero, raça e desigualdade social.

Ao questionar, oportunizamos à comunidade entrelaçar mais uma vez as estruturas sociais, históricas e as suas experiências recentes como forma de *re-existir*, resistir. E nisso tomamos parte como pesquisador de acontecimentos vivos, emergentes, pulsantes, como presença João Cabral de Melo Neto (1967) “não há melhor resposta que o espetáculo da vida: vê-la desfiar seu fio, que também se chama vida, ver a fábrica que ela mesma, teimosamente, se fabrica”. O quilombo é a representação exteriorizada da vida da população negra, *lócus* da sua cidadania, da sua subjetividade.

Compartilhar as nossas próprias experiências com os personagens dessa reportagem foi um dos melhores momentos durante a produção e execução. Assim como a possibilidade de colaborar com o próprio jornalismo na busca de novos instrumentos e linguagens que possibilitem maior liberdade para se contar uma história. Enquanto consumidor, e agora produtor de conteúdo, observo uma necessidade em se oferecer ao público uma maior variedade de assuntos e abordagens que não se limitem aos padrões tradicionais. E a própria televisão enquanto veículo de massa, vem tentando se adaptar a essas novas demandas.

Além disso, como Jornalista, precisamos ter nas palavras apenas um início da jornada de conhecimento pela qual desejamos caminhar em um processo de aprendizado. Rever conceitos, olhares e pré-conceitos. Dialogar com as pessoas e não apenas com as palavras. Caminhar por horas até os pés doerem para assim saber o real significado de “terra”. Ver o pôr do sol sem filtros, e os abraços que se estabelecem com o desligar dos equipamentos. Essas experiências tornam a atividade jornalística mais profunda e sua formação mais humana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alfredo W. B de “**Os Quilombos e as Novas Etnias**”. In: O’DWYER, Eliana C. (org.), *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, pp. 83-108.

AIREY, David. **Logo Design Love: a guide to creating iconic brand identities**. Second Edition. Canada: New Riders, 2015.

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo. **Manual de Telejornalismo. Os segredos da notícia na TV**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2002.

BRANDÃO, Pamela de Medeiros. **Contribuições ao desenvolvimento turístico local sustentável: a dimensão sócio-cultural na perspectiva da sociedade natalense**. Natal [RN], 2006. 159 f. Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Departamento de Turismo.

BONINI, A. Entrevista por e-mail: pragmática de um gênero (des)conhecido ou problemas comunicativos na variação do gênero. In: **Revista de Letras**, Fortaleza, v. 22, n.1/2, p. 5-13, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANAVILHAS, J. Televisão: o domínio da informação-espetáculo. In: **Biblioteca Online de Ciências de Comunicação**, 2001. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joatelevisao-espectaculo.pdf>. Acessado pela última vez em 18.08.2016.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio de. **50 Anos de Televisão no Brasil**. São Paulo: Editora Globo, 2000.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**. Manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2006.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira**. São Paulo: Summus, 2004. p. 147-153

SOUZA, Eurides de. CAHINO, Marília. **Performance musical e história: os cocos da Caiana dos Crioulos**. XXIV Congresso da Anppom, 2013. Disponível em: <http://www.anppom.com.br/congressos/index.php/ANPPOM2013/Escritos2013/paper/viewFile/2581/401>. Acesso em 05 de agosto de 2016 às 18:56.

FREIRE, José Avelar. **Alagoa Grande: aspectos econômicos e fatos da sua história**. João Pessoa: Ideia, 1996.

GORDON, Bob. GORDON, Maggie. **O essencial do design gráfico**. 2ª ed. Ver. São Paulo: Editora Senac, 2014.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

IBGE CIDADES. **Alagoa Grande – PB**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250030>. Acesso em 20 de agosto de 2016.

KOFF, R. F. **A Cultura do Espetáculo**: Sete Estudos sobre Mídia, Ética e Ideologia. Santa Maria, RS: FACOS-UFSM, 2003.

LIMA, Luciano Mendonça de; LIMA, Maria Vitória; ROCHA, Solange. **A escravidão e o processo de conquista e ocupação do interior da Paraíba**. In: SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de; SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. **História da Paraíba**: ensino médio. Campina Grande: EDUFCG, 2007. p. 38 – 58.

MASCELLI, Joseph V. **Os cinco Cs da cinematografia**: técnicas de filmagem. São Paulo: Summus, 2010.

MOREIRA, A. P. C. **A luta pela terra e a construção do território remanescente de quilombo de Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande – PB**. (Tese de Mestrado); UFPB, João Pessoa – PB, Setembro, 2009.

RODRIGUES, Chris. **O cinema e a produção**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1 – PAUTA PARA 1º DIA DE GRAVAÇÃO

<p>REPORTAGEM ESPECIAL: “CAIANA DOS CRIoulos ABRE SUAS PORTAS” PARA O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO: “O QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos: UM DIÁLOGO ENTRE TEMPO E TRAJETÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA EM ALAGOA GRANDE – PB”</p>	
<p>PAUTA</p> <p>RETRANCA: quilombo, resistência, caiana dos crioulos PRODUTORA / REPÓRTER: Caio César Beltrão CINEGRAFISTA: Flávio Monteiro MUNICÍPIO: Alagoa Grande – PB DATA: 03.10.2016 PREVISÃO DE HORÁRIO INICIAL: 06h PREVISÃO DE HORÁRIO FINAL: 18h</p>	
<p>LOCALIZAÇÃO:</p> <p>Prefeitura Municipal de Alagoa Grande com destino para o Quilombo de Caiana dos Crioulos na zona rural da cidade.</p>	
<p>Entrevistas:</p> <p>“Nalva de Caiana” (Quilombola) “Finha de Caiana” (Quilombola) “Cida de Caiana” (Quilombola)</p>	<p>Contato:</p> <p>(83) 99128-4805 (83) 99986-0233 (83) 99114-5143</p>

Texto de Pauta:**PROPOSTA:**

PRODUZIR UMA REPORTAGEM SOBRE A TRAJETÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA DA CIDADE DE ALAGOA GRANDE - PB, A PARTIR DE UMA VISITA À COMUNIDADE QUILOMBOLA “CAIANA DOS CRIoulos”, QUE ABRE SUAS PORTAS COMO PARTE DA PROGRAMAÇÃO DO EVENTO CULTURAL

“CAMINHOS DO FRIO-ROTA CULTURAL”. DEVEMOS TRAZER UMA REPORTAGEM BASEADA NOS ELEMENTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS E HUMANOS.

ENCAMINHAMENTO:

ACOMPANHAR A ROTINA DOS MORADORES E NOS PERMITIRMOS A SERMOS GUIADOS PELA PRÓPRIA COMUNIDADE POR ENTRE SUA CULTURA. ENTRETANTO, BUSCANDO UMA LINGUAGEM PRÓPRIA DAQUILO QUE DECORRE, NÃO SE TORNANDO REFÊM DO PRÉ-CONCEITO E NEM DO FOLCLÓRICO,

SUGESTÕES DE PERGUNTAS:

- Por que a comunidade de Caiana dos Crioulos abre suas portas hoje?
- Como era a relação do quilombo com pessoas de outras localidades?
- Como se sentem em conseguir transformar o preconceito em aplausos?
- O que representa ser mulher, negra e quilombola?
- Já sofreu algum tipo de preconceito na escola?
- Qual a história por trás da “Pedra do Reino Encantado”?
- O que esperam para o futuro a partir do “Vivenciando Caiana dos Crioulos”?
- Um quilombo é um símbolo de resistência, ao que vocês tiveram que resistir?
- Como é a relação entre os moradores de Caiana dos Crioulos?
- Em que momento perceberam a riqueza cultural que carregam?
- Como ocorreu o reconhecimento da comunidade em um quilombo?

ANEXO 2 - TEXTO PARA GRAVAÇÃO DO OFF

NA MANHÃ DE HOJE ACORDEI APÓS POUCAS HORAS DE SONO COM UM MISTO DE SENSAÇÕES QUE AINDA NÃO ERA CAPAZ DE RECONHECER. ENVOLTO EM ESTUDOS, TEXTOS, FILMES E IMAGENS, MEU INCONSCIENTE POETIZAVA EM SONHOS CONFUSOS COM PERSONAGENS E HISTÓRIAS QUE EU PRECISAVA CONHECER MELHOR. COLOQUEI TUDO ISSO NA BAGAGEM E DESEMBARQUEI NA PEQUENA CIDADE DE ALAGOA GRANDE, A 111 KM DA CAPITAL PARAIBANA JOÃO PESSOA. //

A CIDADE, TEVE NO CULTIVO DA CANA DE AÇÚCAR POR MUITO TEMPO, A SUA PRINCIPAL FONTE ECONÔMICA. OS SENHORES DE ENGENHO CONTROLAVAM ESSA ECONOMIA COM O USO DA MÃO-DE-OBRA ESCRAVA, E APESAR DO FIM DA ESCRAVIDÃO, AS RELAÇÕES DE PODER CONTINUAVAM DESIGUAIS E NAS MÃOS DAS MESMAS FAMÍLIAS, AGORA COM A NOMENCLATURA DE USINEIROS. //

NESSE CONTEXTO, SURGE O NOME DA SINDICALISTA MARGARIDA MARIA ALVES, QUE EM FUNÇÃO DE SUA LUTA PELOS TRABALHADORES ACABOU ASSASSINADA BRUTALMENTE COM UM TIRO NO ROSTO, AO ABRIR A PORTA DE SUA CASA. HOJE A MARCHA DAS MARGARIDAS É O PRINCIPAL MOVIMENTO DE PROTAGONISMO FEMININO DA AMÉRICA LATINA E TEM NELA A SUA PRINCIPAL FONTE DE INSPIRAÇÃO. //

PORÉM... NÃO SE OUVIU SILÊNCIO EM ALAGOA GRANDE. AO SOM DO RITMO DE JACKSON DO PANDEIRO, FILHO DE UMA CANTORA DE COCO, LEVOU AS CORES, AS ROUPAS, O MOVIMENTO E O CANTO DE ORIGEM AFRO-BRASILEIRA, ATÉ ENTÃO MARGINALIZADO NA REGIÃO, AOS PRINCIPAIS PALCOS DO PAÍS. //

MAS ESSA HISTÓRIA DE RESISTÊNCIA AINDA NOS RESERVA MUITOS CONTORNOS A SEREM CONTADOS. E HOJE, ATRAVÉS DO FESTIVAL ITINERANTE “CAMINHOS DO FRIO - ROTA CULTURAL”, OCORRE O PROJETO “VIVENCIANDO O QUILOMBO DE CAIANA DOS CRIoulos”. LOCALIZADA POR ENTRE AS SERRAS DA CIDADE, A COMUNIDADE ABRE SUAS PORTAS PARA VISITANTES DO MUNDO TODO, QUE DESEJAM CONHECER SUA HISTÓRIA E DIALOGAR COM O SEU PRESENTE. E É PARA LÁ QUE NÓS VAMOS! //

PORÉM, ANTES DE SEGUIR SOMOS CONVIDADOS A CONHECER O MUSEU DA REGIÃO, UMA GRANDE CONQUISTA PARA OS MORADORES DE CAIANA. //

UM QUILOMBO É PULSANTE E VIVO. E ALÉM DE NOS CONTAR SOBRE O SEU PASSADO, MUITO NOS ENSINA A PARTIR DO SEU PRESENTE E SUAS EXPECTATIVAS DE FUTURO. E HOJE É A PRÓPRIA COMUNIDADE QUE CONSTRÓI ESSA RELAÇÃO DE TEMPO COM OS VISITANTES. //

NOS DESPEDIMOS DO MUSEU E PARTIMOS POR CAMINHOS QUE ENTRELAÇAM O MÍSTICO E O HISTÓRICO EM CAIANA DOS CRIoulos. NOSSO PRÓXIMO DESTINO NA COMUNIDADE É O LAJEDO CONHECIDO COMO “REINO DO ENCANTADO”, QUE GUARDA INSCRIÇÕES QUE JÁ DESPERTARAM A CURIOSIDADE DE PESQUISADORES DO MUNDO TODO. SUA DIFÍCIL LOCALIZAÇÃO REVELA UM POUCO DA PRÓPRIA ORIGEM DOS QUILOMBOS, QUE ERAM UM REFÚGIO DOS ESCRAVOS FUGIDOS DE FAZENDAS DURANTE O PERÍODO COLONIAL IMPERIAL, E LÁ PODERIAM VIVER EM LIBERDADE. A NÃO SER... QUE FOSSEM DESCOBERTOS. //

AS LENDAS E CRENÇAS POSSUEM UMA BASE SOCIAL E POLÍTICA QUE NOS AJUDA A COMPREENDER MELHOR A SUA ORIGEM. AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS SEMPRE FORAM ALVO DE PERSEGUIÇÕES VIOLENTAS, COMO OS CAPITÃES DO MATO, HOMENS ENCARREGADOS DE RECAPTURAR OS ESCRAVOS, E MAIS RECENTEMENTE QUESTÕES DE POSSE DE TERRA E ATÉ MESMO PRECONCEITO. AINDA HOJE AS COMUNIDADES MUITAS VEZES NÃO PERMITEM A ENTRADA DE VISITANTES, OU SE SENTEM INCOMODADOS COM A SUA PRESENÇA. //

PORÉM, HOJE A COMUNIDADE NÃO SÓ RECEBE OS CONVIDADOS, COMO CONDUZ SEUS OLHARES POR ENTRE SUA HISTÓRIA E SEUS MISTÉRIOS. E APÓS UMA TRILHA DE APROXIMADAMENTE DUAS HORAS, CHEGAMOS A “PEDRA DO REINO ENCANTADO”. OS MORADORES DE CAIANA DOS CRIoulos ACREDITAM QUE ALI EXISTIRIA UMA TERRA PROMETIDA, REPLETA DE TESOUROS PARA QUEM FOSSE CAPAZ DE REVELAR SUAS INSCRIÇÕES. UMA BELA METÁFORA PARA A PRÓPRIA CRIAÇÃO DOS QUILOMBOS E AS ESPERANÇAS RECHEADAS DE MEDO QUE INTERROGAVAM QUEM LÁ CHEGAVA. //

VOLTAMOS DA TRILHA COM UM SENTIMENTO QUE ESSA BUSCA NÃO TERMINOU E QUE NÓS ENQUANTO SOCIEDADE AINDA SONHAMOS COM O “REINO ENCANTADO”. //

NO QUILOMBO DE CARLOS CRIoulos, A PORTA DO REINO ENCANTADO SEGUE SENDO UM MISTÉRIO, RESERVADO AOS QUE CONSEGUIRAM DECIFRAR AS INSCRIÇÕES DO SEU LAJEDO. PORÉM OUTRO ENCANTO ENQUANTO DESTE LUGAR ESTÁ EM SEUS MORADORES, NAS HISTÓRIAS QUE CARREGAM, NA RESISTÊNCIA QUE NOS ENSINAM E NOS SONHOS QUE ABREM PARA O MUNDO. //